

FUNDAÇÃO ESCOLA DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA DE SÃO PAULO
Escola de Sociologia e Política de São Paulo
Pós-Graduação Lato Sensu em Antropologia

Oliver Meewes

Pedju porã¹ a corrida de trilha na Reserva Indígena Guarani “Rio Silveiras”



São Paulo
2025

¹ Bem vindos

Oliver Meewes

Pedju Porã a corrida de trilha na Reserva Indígena Guarani “Rio Silveiras”

Artigo científico apresentado à Escola de Sociologia e Política de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Especialista em Antropologia, sob a orientação do Professor Doutor Bernardo Fonseca Machado.

São Paulo

2025

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo-na-Publicação (CIP)

796.08981

M495p Meewes, Oliver.

Pedju porã a corrida de trilha na Reserva Indígena Guarani
"Rio Silveiras" / Oliver Meewes. – 2025.

62 p. : il. ; 30 cm.

Orientador: Prof. Dr. Bernardo Fonseca Machado.

Trabalho de conclusão de curso (Especialização em
Antropologia) – Fundação Escola de Sociologia e Política de São
Paulo.

Referências: p. 60-61.

1. Corrida de trilha. 2. Guarani. 3. Reserva indígena. 4. Terra
indígena. 5. Etnoturismo. I. Machado, Bernardo Fonseca,
orientador. II. Título.

CDD 23. Esportes e jogos atléticos ao ar livre: Povos indígenas do Brasil 796.08981
Bibliotecária: Marina Pereira Santos Araújo CRB-8/9071

Oliver Meewes

Pedju Porã a corrida de trilha na Reserva Indígena Guarani “Rio Silveiras”

Artigo científico apresentado à Escola de Sociologia e Política de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Especialista em Antropologia, sob a orientação do Professor Doutor Bernardo Fonseca Machado.

Data da aprovação: ____/____/_____

Data e
assinatura

Parecerista: Profa. Ma. Dra. Isabela Venturoza
Escola de Sociologia e Política de São Paulo

AGRADECIMENTOS

A FESPSP (Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo) e a todo o seu corpo docente, por propiciar um ambiente profissional e agradável no ensinamento dos valores, ideais e da importância da antropologia, para a discussão de assuntos tão amplos e diversos extremamente importantes para compreender a sociedade contemporânea, contribuindo com os debates e dialogando com suas diferenças.

Ao meu orientador, Professor Bernardo, que ministrou suas disciplinas com dedicação e paixão e, por fim, aceitou o desafio de conduzir e orientar o desenvolvimento deste trabalho, com compreensão e aconselhamento, aplicando a dose certa entre comentários e sugestões, elogios e críticas.

Ao Rafael Zobaran, por idealizar o evento de corrida e pelas orientações e informações que contribuíram muito para este trabalho. A sua equipe querida, por organizar anualmente este evento que une cultura, lazer e esporte, levando a centenas de pessoas a possibilidade de uma diversão saudável e um esporte prazeroso na companhia do povo originário.

Ao povo originário do Brasil, que com seus ensinamentos milenares e sua força de resiliência e resistência, nos levam a refletir sobre o nosso modo de vida e a urgente necessidade de mudar a maneira que conduzimos o nosso mundo, a fim de assegurar a sustentabilidade das gerações futuras. Um agradecimento especial ao Cacique Adolfo Timóteo, por me receber com carinho em sua casa e por dedicar seu tempo em uma longa conversa sobre o passado, o presente e o futuro de seu povo e sua cultura.

Aos colegas da pós-graduação, que durante 18 meses contribuíram com perguntas, observações, histórias pessoais e sugestões de leituras, além de tornar a convivência cativante e o aprendizado prazeroso.

RESUMO

Guarani Race é uma corrida de trilha realizada na reserva indígena Guarani “Rio Silveira”, localizada entre os municípios de Bertioga, São Sebastião e Salesópolis no Estado de São Paulo, Brasil. Neste artigo faço uma breve apresentação da reserva indígena, do povo Guarani e suas características culturais, e descrevo como é a corrida de trilha, da sua idealização até o planejamento que antecede cada etapa. Relato, por meio de pesquisa de campo, como foi participar do dia do evento, desde a chegada de manhã, a corrida pelas trilhas e as atividades correlatas. Para complementar o artigo, cito minhas pesquisas sobre legislação, o envolvimento dos órgãos públicos e minha conversa com o cacique Adolfo Timóteo. Discorro ainda sobre o conceito de etnoturismo para desenvolver a conclusão final.

Palavras-chave: corrida de trilha; Guarani; reserva indígena; terra indígena; etnoturismo.

ABSTRACT

Guarani Race is a trail race held in the Guarani indigenous reserve “Rio Silveira”, located between the municipalities of Bertioga, São Sebastião and Salesópolis in the state of São Paulo, Brazil. In this article, I briefly introduce the indigenous reserve, the Guarani people and their cultural characteristics, and describe what the trail race is like, from its conception to the planning that precedes each event. I then describe in field research what it was like to participate in the day of the event, from the arrival in the morning, the race along the trails and the related activities. To complement the article, I cite my research on legislation, the involvement of government agencies and my conversation with the indigenous chief Adolfo Timóteo. I also discuss the concept of ethnotourism to develop the final conclusion.

Keywords: trail running; Guarani; indigenous reserve, indigenous land, ethno tourism.

Sumário

Introdução.....	8
Contextualização político-legislativa.....	9
Reserva indígena “Rio Silveira” e o povo Guarani	14
Legislação e atuação dos órgãos públicos	16
Responsabilidade das Prefeituras.....	19
A corrida Guarani Race.....	20
Planejamento e organização que antecede o evento.....	24
26 de outubro de 2024 - O dia da corrida	32
Minha conversa com o Cacique Adolfo Timóteo.....	49
Considerações finais	57
Referências Bibliográficas	60
Legenda de imagens, fotos e mapas.....	62

Não são apenas os índios, mas também os brancos, que estão ameaçados pela cobiça de ouro e pelas epidemias introduzidas por estes últimos. Todos serão arrastados pela mesma catástrofe, a não ser que se compreenda que o respeito pelo outro é a condição de sobrevivência de cada um.

Claude Lévi-Strauss (1993, p.7).

Introdução

Como corredor amador morando na cidade de São Paulo, tenho realizado centenas de corridas com distâncias entre 10 km e 42 km em percursos de ruas, avenidas, estradas de terra, praias, trilhas por florestas e por montanhas. Pelas corridas rústicas, também chamadas de corridas de trilha, tenho especial apreço. Realizadas por estradas e trilhas de terra, além de amortecer o impacto dos pés e joelhos, possibilitam desfrutar de belas paisagens e ter contato direto com a natureza.

Em 2014 tive minha primeira experiência com a Guarani Race, uma corrida de trilha de 12 km organizada pela empresa ZBR Events. Realizada dentro da aldeia indígena Guarani "Rio Silveira", a primeira edição ocorreu em 21 de junho de 2014, eu concluí em 1 hora e 43 minutos entre 319 finalistas, 185 homens e 134 mulheres. A 12ª edição, na qual este artigo se baseia, foi realizada no dia 26 de outubro de 2024, tendo, no percurso de 12 km, 251 finalistas, 141 homens e 110 mulheres. O percurso de 6 km foi finalizado por 81 homens e 141 mulheres. Incluindo a caminhada de 6 km, a participação total foi de cerca de 600 pessoas.

Da experiência adquirida nestas corridas, do meu ingresso no Curso de Pós Graduação em Antropologia e da necessidade de produzir um artigo científico de conclusão de curso, surge a ideia de estudar mais a fundo esta relação entre a corrida, a reserva indígena e o seu povo originário. Inicialmente, através de pesquisa realizada na internet, faço um resumo sobre a aldeia indígena "Rio Silveira", o povo indígena Guarani, a legislação relacionada ao tema e a visão dos órgãos públicos sobre a visitação.

Apresento Rafael Zobaran, o idealizador e organizador da corrida Guarani Race, que conta como surgiu a ideia da corrida, as primeiras visitas à aldeia, o primeiro

Imagem 2 – Anúncio da primeira edição do evento realizado em 21/06/2014



contato com as lideranças indígenas e como o projeto foi concretizado. Ele também relata como é o planejamento e a organização que antecede cada evento.

Em seguida descrevo como foi participar do evento no dia 26 de outubro de 2024, o relacionamento com outros corredores e como é correr através das trilhas centenárias mantidas quase intactas pelo povo originário. Durante o trabalho também cito as opiniões e impressões do Cacique Adolfo, que tive o grande prazer de entrevistar em uma visita à aldeia feita em 29 de março de 2025. Descrevo a minha conversa com ele para então finalizar o trabalho discutindo o conceito de etnoturismo, seus pressupostos e efeitos para, por fim, elaborar minhas considerações finais, movidas pela pergunta: Como o etnoturismo constitui e se relaciona com o evento de corrida?

Contextualização político-legislativa

No intuito de situar o leitor no tempo, no momento que escrevo este artigo, o Supremo Tribunal Federal (STF) e a sociedade brasileira discutem o Projeto de Lei do Marco Temporal (PL 2903/2023), que é uma proposta que trata da demarcação de terras indígenas no Brasil. O tema central é a definição de um "marco temporal" para determinar quais terras podem ser consideradas tradicionalmente ocupadas por povos indígenas.

A tese do marco temporal estabelece que os povos indígenas só têm direito à demarcação de terras que estavam ocupando fisicamente em 5 de outubro de 1988, data da promulgação da Constituição Federal. Caso não estivessem na terra nessa data, precisam provar que estavam lutando judicialmente ou que haviam sido expulsos por conflitos anteriores. Desta forma, o objetivo da PL é limitar os direitos territoriais indígenas ao marco de 1988, reduzindo assim disputas fundiárias envolvendo terras reivindicadas por indígenas após essa data e protegendo os interesses de setores como agronegócio, mineração, turismo e outros que disputam o uso de terras com comunidades indígenas. O PL ainda propõe que as terras indígenas possam ser usadas para atividades econômicas por meio de parcerias com terceiros.

Mas a tese é criticada por limitar direitos garantidos pela Constituição e desconsiderar o histórico de expulsões e violência contra indígenas. A medida tem sido amplamente criticada por organizações de direitos humanos e ambientais, que

veem o marco temporal como um retrocesso, além de permitir o uso de terras indígenas para atividades como mineração e agronegócio, com risco de desmatamento e de perda de biodiversidade.

O julgamento da tese do Marco Temporal no STF começou em 2021. O caso em análise envolvia a Terra Indígena Ibirama-Laklãnõ, em Santa Catarina. O relator Ministro Edson Fachin votou contra o Marco Temporal, defendendo os direitos originários dos povos indígenas, independentemente da data de ocupação. Ministro Alexandre de Moraes, apesar de votar contra o Marco Temporal, sugeriu indenização prévia aos proprietários que compraram terras de boa-fé e a maioria dos demais ministros acompanhou o relator contra o Marco Temporal, que foi declarado inconstitucional em 21 de setembro de 2023. Apesar da decisão do STF, um mês depois o Congresso Nacional promulgou a Lei 14.701/2023 que institui a tese do marco temporal. O texto enfrentou vetos do presidente Lula, mas o Congresso derrubou os vetos e promulgou a lei no dia 28/12/2023, se opondo a decisão do STF. Diante disso, para que a nova lei seja suspensa, o STF precisa formalmente declará-la inconstitucional, o que ainda não ocorreu. Enquanto isso, lideranças indígenas e organizações continuam mobilizadas contra o marco temporal e buscam reverter os impactos dessa legislação enquanto continua o impasse entre o Legislativo e o Judiciário.

No dia 29 de agosto de 2024, a Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB) – entidade nacional representativa dessas populações – resolveu se retirar da comissão de “conciliação” sobre o chamado marco temporal da demarcação das terras indígenas. O colegiado foi instituído pelo ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) Gilmar Mendes. Foi um protesto dos indígenas pelo que consideraram pressões e violações de seus direitos ocorridas nas duas audiências realizadas até aquele momento.

Até o início dos trabalhos, em 5 de agosto, os objetivos e as regras do processo não haviam sido informados claramente. Só então, foi comunicado que as decisões poderiam ser tomadas por maioria. O problema é que a APIB era minoria, com só seis representantes, de um total de 24. A entidade também ficou sabendo que, se decidisse não participar das atividades, poderia ser substituída pela Fundação Nacional dos Povos Indígenas (Funai) e o Ministério dos Povos Indígenas (MPI), o que vai contra a Constituição. A Carta de 1988 assegura aos povos originários o direito de acionar a justiça de forma autônoma.

Nesse contexto, a APIB figura como uma das autoras das ações de inconstitucionalidade. Três dos maiores especialistas em Direito Constitucional do país ouvidos pela reportagem do Instituto Socioambiental (ISA) avaliam que a decisão de criar a comissão, seu funcionamento até agora e sua continuidade sem os indígenas, todas determinações de Gilmar Mendes, ministro do STF e relator das ações, são legalmente incabíveis, não cabendo uma “conciliação” sobre o direito indígena à terra².

Após cinco audiências realizadas entre agosto e outubro de 2024, na reunião que ocorreu em 17 de fevereiro de 2025, o ministro Gilmar Mendes apresentou uma proposta de minuta para alteração da Lei do Marco Temporal, baseada em sugestões da comissão especial, visando conciliar diferentes posições sobre a demarcação de terras indígenas. No entanto, devido à falta de consenso, a discussão foi adiada, e uma nova reunião foi marcada para 24 de fevereiro de 2025. Posteriormente, o STF atendeu a um pedido da Advocacia-Geral da União (AGU) e suspendeu por 30 dias os trabalhos da comissão de conciliação, estabelecendo que o grupo se reuniria novamente em 26 de março de 2025, com prazo final para encerramento dos trabalhos em 2 de abril de 2025.³

Sem conciliação. Assim terminou na quarta-feira, dia dois de abril, a última audiência da comissão especial do STF, que analisa a Lei do Marco Temporal sobre a demarcação de terras indígenas no Brasil.⁴ A questão do marco temporal permanece em aberto, com desdobramentos tanto no âmbito judicial quanto no legislativo.

Visitei a aldeia no dia 29 de março de 2025 para realização deste trabalho, e assim que encontrei com o cacique Adolfo percebi em sua fisionomia a preocupação e a total desesperança quanto a esta reivindicação absolutamente básica da garantia de demarcação das poucas áreas que os indígenas ainda ocupam, dentro do território que já foi inteiramente das gerações passadas. Como viver sem a garantia que a sua casa não lhe seja tomada agora ou nas gerações futuras?

² <https://www.socioambiental.org/noticias-socioambientais/juristas-criticam-conciliacao-sobre-marco-temporal-das-demarcacoes-no-stf>, acessado em 15/11/2024.

³ <https://oglobo.globo.com/brasil/noticia/2025/02/17/marco-temporal-audiencia-no-stf-discute-proposta-para-conciliar-termos-de-demarcacao-de-terras-indigenas.ghtml>, acessado em 26/03/2025.

⁴ <https://amazonianativa.org.br/2025/04/04/marco-temporal-comissao-termina-ultima-reuniao-sem-consenso/>, acessado em 04/04/2025.

De 7 a 11 de abril de 2025 aconteceu em Brasília a 21ª edição do Acampamento Terra Livre organizado pela ABIP⁵. Participaram da ATL 2025 mais de sete mil pessoas de diferentes povos para, além de celebrar os 20 anos da APIB, reivindicar a garantia de direitos constitucionais e mostrar a potência da força ancestral. Além das marchas “APIB Somos Todos Nós: Nosso Futuro não está à venda!” e “A resposta somos nós”, a programação contou com mesas e plenárias que discutiram o futuro dos povos indígenas em espaços como a COP30 e a Câmara de Conciliação do STF.

Na carta final divulgada durante o encerramento, a APIB denunciou o maior ataque institucional aos direitos indígenas desde a promulgação da Constituição de 1988. O documento ainda alertou para a urgência da crise climática, condenou os projetos de energia e combustíveis fósseis que violam os territórios tradicionais, e exigiu o arquivamento imediato das propostas anti-indígenas em tramitação no Congresso e no Supremo Tribunal Federal (STF). A carta ainda reforça que os conhecimentos tradicionais indígenas são essenciais para combater as crises climática e alimentar, defendendo a demarcação de terras como política ambiental urgente e o financiamento direto para a proteção territorial.

[...] Nossa ciência e sistema ancestral, expressa na agroecologia, nas economias indígenas, na gestão coletiva dos territórios, na nossa relação espiritual com a Mãe Natureza, preserva a biodiversidade, todas as formas de vida, incluindo os mananciais e sustenta sistemas alimentares saudáveis e equilibrados. (Trecho da carta da ATL, 2025).

O encerramento da mobilização em Brasília foi marcado por violência policial, ausência do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que costuma visitar o evento, e nenhum avanço na demarcação de terras⁶.

Em 25 de abril de 2025 o ministro Gilmar Mendes prorrogou até 25 de junho o prazo para a conclusão dos trabalhos da Comissão Especial⁷ e agendou duas novas audiências para os dias 12 e 19 de maio. O magistrado reforçou que todos os participantes da comissão devem atuar de acordo com os princípios da boa-fé e da

⁵ <https://apiboficial.org/atl-2025/> acessado em 24/04/2025

⁶ <https://outraspalavras.net/outrasmidias/acampamento-terra-livre-a-pauta-indigenista-ignorada/> acessado em 24/04/2025

⁷ <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2025/04/25/gilmar-mendes-prorroga-ate-junho-conciliacao-sobre-marco-temporal-no-stf.htm>, acessado em 28/04/2025

busca do consenso previstos na Lei 13.140/2015, que regula procedimentos de conciliação e mediação.

Até a finalização deste trabalho foram realizadas 19 audiências, mas deputados e senadores indicados para o diálogo faltaram à maioria das reuniões. Levantamento feito pelo UOL com base nas atas do STF mostrou que parlamentares como Pedro Lupion (PP-PR), Tereza Cristina (PP-MS) e Jaques Wagner (PT-BA) compareceram a poucas sessões. Parlamentares indígenas, como Célia Xakriabá (PSOL-MG) e Silvia Waiãpi (PL-RO), registraram maior participação.

A discussão em torno do marco temporal se iniciou em 2021 e o processo de conciliação foi instaurado pelo STF em abril de 2024. Durante toda a realização deste trabalho, acompanhei notícias e discussões e hoje, dia 29 de abril de 2025, quando estou na fase de revisão para entrega final, após mais de um ano decorrido, considero que todo o processo, até agora, foi lento e negativo. Não houve nenhum avanço concreto no sentido de pacificar a questão ou garantir a efetividade dos direitos indígenas. Pelo contrário, a ausência dos povos indígenas nas audiências, a falta de clareza nos rumos da conciliação e o fortalecimento de legislações contrárias à decisão do STF (como a aprovação da Lei 14.701/2023) indicam um cenário de retrocesso institucional. A tentativa de conciliação acabou servindo mais como instrumento de postergação dos conflitos do que como um verdadeiro meio de solução, enquanto a insegurança jurídica e a vulnerabilidade dos territórios indígenas se agravaram, diluindo direitos, prolongando disputas e fragilizando ainda mais quem deveria ser protegido.

Foto 1 - Reunião de conciliação do Marco Temporal no STF.
© Adriano Machado / Greenpeace



Reserva indígena “Rio Silveira” e o povo Guarani

A cerca de duas horas e meia de carro da cidade de São Paulo, a reserva indígena Guarani “Rio Silveira”, no processo político-jurídico conhecida também como Terra Indígena (TI)⁸ Ribeirão Silveira, ocupa uma área montanhosa e florestal de 8.500 hectares de Mata Atlântica no Parque Estadual Serra do Mar entre os municípios de Bertioga, São Sebastião e Salesópolis, no estado de São Paulo. A aldeia se localiza a 3 km para o interior da praia de Bertioga, uma praia rasa de 4,7 km de extensão dividida entre os municípios de Bertioga e São Sebastião. O termo Boracéia tem origem no tupi antigo “pora-sé”, que pode ser traduzido como “reunião de pessoas”, “dança” ou “festa”, conforme o Dicionário de Tupi Antigo (NAVARRO, 2013).

A aldeia indígena Guarani “Rio Silveira” passou a existir por volta de 1940 devido ao deslocamento de famílias indígenas que procuravam um lugar adequado para realizar seu modo de vida. Fundada pelo Guarani Mbyá Miguel, vindo do Rio Grande do Sul, a aldeia do Rio Silveira hoje abriga diversas famílias dos subgrupos Ñhandeva e Mbyá e é um importante ponto de encontro para os Guarani do Litoral Paulista, que por sua vez é repleto de aldeias, desde a Ilha Comprida, ao Sul, até Itamambuca, ao Norte.

A demarcação legal de apenas 944 hectares ocorreu em 1987⁹ e a aldeia passou a ser declarada “TI¹⁰ Ribeirão Silveira”¹¹ em 2008². Sua população era de aproximadamente 550 indígenas em 150 famílias¹² das etnias Guarani Mbya e Guarani Tupi-Guarani, distribuídos por 5 aldeias, também chamados de núcleos habitacionais: “Porteira”, “Morro do Centro”, “Cachoeira”, “Rio Pequeno” e “Rio Silveira”. Uma sexta aldeia, chamada “Silveirague”, indicada no mapa guarani digital¹³, é denominada “aldeia antiga” pelo cacique e atualmente não tem habitantes, por se localizar em uma área muito remota separada pelo rio.

⁸ No Brasil existem 800 Terras Indígenas (TI) que ocupam 13% do território nacional, sendo que 35 no Estado de São Paulo. <https://terrasindigenas.org.br/pt-br/brasil>, acessado em 16/01/2025.

⁹ Decreto nº 94.568 de 8 de julho de 1987 sob a presidência de José Sarney.

¹⁰ Terra indígena.

¹¹ Enquanto ribeiro ou riacho ou córrego é uma corrente de água pouco volumosa e de pequena extensão, Ribeirão é maior, mas menor que um rio.

¹² <https://www.bertioga.sp.gov.br/turismo/roteiros/visita-a-aldeia-do-rio-silveira>, acessado em 07/01/2025.

¹³ <https://guarani.map.as/#!/lands/558/?z=14.600000000000001&x=-23.727907651140235&y=-45.8159712242704>, acessado em 04/04/2025.

Maria Inês Ladeira, em seu artigo “Os índios da Serra do Mar”¹⁴, enfatiza a importância do território para os Guarani como um espaço não apenas físico, mas também espiritual e simbólico. Para eles, a terra é um elemento central de sua cosmologia, sendo considerada um lugar sagrado, onde se estabelece a conexão com Nhanderu (o criador) e com seus ancestrais. A Serra do Mar, nesse contexto, é vista como um território ideal para manter essa relação espiritual devido à sua natureza preservada, com florestas, rios e montanhas que integram a paisagem cultural e religiosa Guarani.

Outro ponto abordado pela autora é a mobilidade característica dos Guarani, que frequentemente se deslocam entre aldeias em diferentes regiões, inclusive atravessando fronteiras nacionais. Essa prática, que pode ser interpretada como nômade por observadores externos, está relacionada à busca por equilíbrio espiritual, boas terras para plantio e manutenção de vínculos com outras aldeias.

A organização social dos Guarani é baseada em um sistema comunitário e hierárquico, onde os cacicados (lideranças políticas) e os xamãs ou Mbyá (líderes espirituais) desempenham papéis fundamentais na condução da comunidade. A liderança da aldeia Rio Silveira é exercida pelo Pajé Liveis, o líder espiritual, e o Cacique Adolfo, o líder político e administrativo.

Essa estrutura permite a sobrevivência de suas tradições culturais, mesmo em face da crescente pressão externa. Apesar das adversidades, os Guarani demonstram uma forte capacidade de resistência cultural. Suas práticas espirituais, como os rituais em opara (casa de reza), a valorização da oralidade e a educação tradicional, são estratégias para assegurar que sua identidade seja transmitida às novas gerações.

A aldeia vive basicamente da agricultura de subsistência, como plantio de mandioca e milho, o cultivo e comercialização do palmito Juçara, colhimento de bananas e outras frutas, como a jaca, e da fabricação e venda de artesanatos, produzindo adornos, cocares, pulseiras, balaios de palha, conjunto de arco e flecha, esculturas de madeira e instrumentos musicais. Preparam também o typá, uma comida típica Guarani, que consiste em massa de pastel recheado de palmito.

Outra fonte de renda são os eventos organizados na aldeia. No dia 19 de abril é comemorado o Dia dos Povos Indígenas, e a aldeia convida os visitantes a participar

¹⁴ LADEIRA, Maria Inês. Os índios da Serra do Mar: Uma introdução ao mundo dos Guarani-Mbya. São Paulo: FAPESP, 1997.

de uma semana de festividades incluindo dança, canto, arco e flecha, corrida de tora, visita à cachoeira e comidas típicas. Em fevereiro de 2022, entre os dias 19 a 21, a comunidade realizou durante 3 dias o “Ka’Aguyre Jakeaty”, uma experiência para viver o modo de vida Guarani. Os participantes levam suas barracas para pernoite.

As informações sobre a programação da aldeia e contatos estão disponíveis em sua página no Instagram que tem mais de 3 mil seguidores.¹⁵ A aldeia também mantém uma página no Facebook com 5,7 mil seguidores.¹⁶ O contato para agendar uma visita pode ser feita diretamente com o Cacique Adolfo ou através de agências de turismo que atuam na região.

Os povos indígenas não têm como hábito a corrida individual como atividade esportiva. Os “jogos indígenas”, que simboliza o espírito de união e cooperação entre os participantes, incluem o arco e flecha, o “Takua’i”, que é o carregamento de toras em uma corrida de revezamento e o “Jikunahaty”, uma versão do jogo de peteca que é praticado por crianças e adultos, sendo a peteca feita de palha ou de fibras naturais.

Legislação e atuação dos órgãos públicos

Em 11 de junho de 2015 o Ministério da Justiça e Segurança Pública¹⁷ publicou Instrução Normativa nº 3 que estabelece normas e diretrizes relativas às atividades de visitação para fins turísticos em terras indígenas¹⁸, atribuindo a FUNAI a função de fiscalização das atividades de visitação, sem, porém, se responsabilizar pela prestação dos serviços. A norma reconhece a autonomia e a participação dos povos indígenas na definição das ações e planejamentos.

A Fundação Nacional dos Povos Indígenas (Funai)¹⁹ é o órgão indigenista oficial do Estado brasileiro. Foi criado pela lei 5.371, de 5 de dezembro de 1967²⁰ sucedendo o SPI (Serviço de Proteção ao Índio, criado em 1910 pelo Marechal Cândido Rondon). Mas somente em 1988, com a promulgação da atual Constituição,

¹⁵ <https://www.instagram.com/aldeia guarani riosilveira>, acessado em 24/10/2024.

¹⁶ <https://www.facebook.com/AldeiaGuaraniRioSilveira>, acessado em 24/10/2024.

¹⁷ Ministro José Eduardo Cardozo sob a presidência de Dilma Rousseff.

¹⁸ https://dspace.mj.gov.br/bitstream/1/6891/2/IN_FUNAI_2015_3.html - Instrução normativa n.3, de 11 de junho de 2015, acessado em 24/10/2024.

¹⁹ Medida Provisória 1154/2023 - Artigo 58. Governo Federal do Brasil. 1 de janeiro de 2023.

²⁰ Lei nº 5.371: Instituição da Fundação Nacional dos Povos Indígenas». Casa Civil. 5 de dezembro de 1967.

o Estado passou a se responsabilizar pela proteção das manifestações culturais, entre elas as dos povos indígenas, garantindo "o pleno exercício dos direitos culturais" no parágrafo 1º do artigo 215. Inicialmente subordinada ao Ministério do Interior e posteriormente ao Ministério da Justiça e Segurança Pública, atualmente é vinculado ao Ministério dos Povos Indígenas²¹. Sua missão é coordenar e executar as políticas indigenistas do Governo Federal, protegendo e promovendo os direitos dos povos indígenas. São também atribuições da Funai identificar, delimitar, demarcar, regularizar e registrar as terras ocupadas pelas nações indígenas, promovendo políticas voltadas ao desenvolvimento sustentável das populações e reduzindo possíveis impactos ambientais promovidos por agentes externos nessas terras; bem como prover o acesso diferenciado aos direitos sociais e de cidadania, como o direito à seguridade social e a educação escolar indígena.²²

A palavra "etnoturismo" já havia sido utilizada em decreto de junho/2012²³, que instituiu a Política Nacional de Gestão Territorial e Ambiental de Terras Indígenas (PNGATI) para apoiar iniciativas sustentáveis de etnoturismo e de ecoturismo, respeitada a decisão da comunidade e a diversidade dos povos indígenas.

A norma de junho/2015 estabelece que são objetivos da visitação com fins turísticos em terras indígenas a valorização e a promoção da sociodiversidade e da biodiversidade, por meio da interação com os povos indígenas, suas culturas materiais, imateriais e o meio ambiente, visando à geração de renda, respeitando-se a privacidade e a intimidade dos indivíduos, das famílias e dos povos indígenas, nos termos por eles estabelecidos.

O Plano de Visitação deve detalhar os objetivos e as justificativas da proposta de visitação, público alvo, frequência de visitas previstas, quantidade máxima de visitantes por visita e previsão de tempo de duração por visita, distribuição das competências na comunidade levando em conta aspectos sociais, geracionais e de gênero, responsabilidades e atribuições dos parceiros envolvidos, descrição das

²¹ Ministério dos Povos Indígenas, atualmente sob gestão da Ministra Sônia Bone de Sousa Silva Santos, conhecida como Sônia Guajajara, líder indígena brasileira e política filiada ao Partido Socialismo e Liberdade. Nascida em 06/03/1974 na Terra Indígena Araribóia, é formada em Letras e em Enfermagem, especialista em Educação especial pela Universidade Estadual do Maranhão. Recebeu em 2015 a Ordem do Mérito Cultural.

²² Decreto 9.010: Estatuto e Quadro Demonstrativo dos Cargos em Comissão e das Funções de Confiança da Funai. Casa Civil. 23 de março de 2017.

²³ https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/decreto/d7747.htm - Decreto nº 7.747, de 5 de junho de 2012.

atividades propostas aos visitantes, delimitação do roteiro objeto das atividades de visitação, constando mapa ou croqui, condições de transporte, hospedagem, alimentação e atividades correlatas à visitação oferecidas pelo proponente aos visitantes, assim como quaisquer riscos ou eventualidades inerentes a essas condições, plano de negócios simplificado, contendo custos previstos para operação, manutenção e monitoramento da visitação e atividades correlatas, assim como previsão de receita, lucro e investimento, visando à continuidade da atividade, atendimento de primeiros socorros, manual de conduta e boas práticas para visitantes e para a comunidade, estratégia para impedir a entrada de bebidas, drogas e outros ilícitos nas comunidades, gestão de resíduos sólidos, monitoramento da atividade de visitação e capacitação dos proponentes. A norma do Plano de Visitação também detalha o modelo de autorização individual de ingresso e o modelo de termo de responsabilidade individual.

A Funai inclui o etnoturismo em um conceito mais amplo de etnodesenvolvimento nas aldeias, orientando os indígenas e fortalecendo suas formas de organização, a partir dos seus modos tradicionais, além de pensar juntamente com as lideranças a melhor maneira de constituir personalidades jurídicas que permitam ampliar a escala de comercialização.²⁴

Para a visitação com finalidade turística é necessário elaborar o Plano de Visitação a ser protocolado junto às Coordenações Regionais da Funai por indígenas, suas comunidades e organizações. Em 2020 iniciou-se a discussão para implantar normas para a visitação com fins turísticos na Aldeia Guarani do Rio Silveiras.

O cacique me explicou que para desenvolver as atividades na aldeia a Funai acaba não tendo um papel nem na organização e nem no controle das atividades. Todos os eventos são combinados e organizados diretamente pelos líderes de cada aldeia. As Prefeituras de Bertioga e São Sebastião fazem um trabalho de divulgação para alavancar o turismo local e algumas agências de turismo mantém contato com o cacique para agendar visitas.

²⁴ <https://www.gov.br/funai/pt-br/atuacao/meio-ambiente/etnodesenvolvimento>, acessado em 31/10/2024.

Responsabilidade das Prefeituras

As Prefeituras de Bertioga e de São Sebastião são responsáveis em prover os serviços públicos à aldeia, como educação e saúde. A Prefeitura de Bertioga é responsável pela educação das crianças indígenas e mantém a Escola Municipal Indígena Guarani “Nhembo e a Porã” que segue o currículo nacional até o ensino médio e também ensina a língua Tupi-Guarani. Em 2023, a Prefeitura anunciou a construção de uma nova escola para atender cerca de 140 alunos de 6 meses a 11 anos. Com uma arquitetura em harmonia com a tradição e cultura indígena, a escola contará com seis salas de aula, quadra poliesportiva, sala multimídia, mini arena de eventos e sala multiuso, garantindo diversidade de atividades realizadas.²⁵ Para o cacique Adolfo, a importância da escola para a comunidade indígena é inquestionável, conforme ele destacou em artigo publicado no Jornal Costa Norte²⁶: “Apesar de seguirmos a cultura indígena, uma formação adequada é fundamental para garantir oportunidades e autonomia para nossa aldeia.”

Bertioga também investe em habitação, tendo entregue 30 unidades habitacionais em 2023 com previsão de construção de outras 30, na segunda fase do projeto.²⁷

Em contrapartida, a saúde é responsabilidade da Prefeitura de São Sebastião, que mantém na aldeia um posto de saúde de nome “Oô Tentxaí Rã Reko Pygua”, reformado em 2019. O acompanhamento da comunidade também é realizado por médicos do Programa de Saúde da Família (PSF), de Barra do Sahy, localizados a 25 km de distância. Quando há a necessidade de um atendimento médico de urgência, a unidade de referência é o Pronto Atendimento de Boiçucanga a 30 km, 35 minutos de carro pela estrada de mão única com alguns trechos de serra. Barra do Sahy e Boiçucanga são praias no município de São Sebastião.

²⁵ <https://www.diariodolitoral.com.br/nacional/educacao/aldeia-indigena-rio-silveira-ganhara-mais-uma-escola-municipal-em/167732>, acessado em 31/10/2024.

²⁶ <https://costanorte.com.br/cidades/bertioga/aldeia-rio-silveira-em-bertioga-deve-ganhar-nova-escola-no-segundo-semester.html>, acessado em 31/10/2024.

²⁷ <https://costanorte.com.br/cidades/bertioga/aldeia-rio-silveira-em-bertioga-deve-ganhar-nova-escola-no-segundo-semester.html>, acessado em 31/10/2024.

A corrida Guarani Race

Rafael Zobaran, proprietário e diretor da empresa ZBR Events desde 2007, começou a praticar esportes em 2003 aos 27 anos e se tornou ultramaratonista. Ele define que seu trabalho é transformar ideias simples em experiências valiosas. Para ele, uma corrida não pode ser só uma corrida, tem que ser muito mais, e desde 2013 cria eventos de corrida buscando se diferenciar.

A corrida pelas trilhas centenárias em uma aldeia indígena começou a ser idealizada em 2014. Rafael explica que o nome Guarani Race, com um termo em inglês, foi escolhido para conseguir transmitir com clareza o conceito do evento e tornar a marca forte no mundo da corrida. Essa foi a estratégia de marketing usada desde o início, fazer o evento ganhar visibilidade e reputação de um evento de nível internacional.

Eu sempre questioneei a real efetividade na utilização de termos em inglês para designar algum produto com o objetivo de associação a uma dimensão globalizada ou experiência “premium”. Em eventos esportivos de corrida, a internacionalização geralmente é dada pelo tamanho do evento e associada a algum destino turístico já muito explorado, como as “World Marathon Majors”²⁸, que agrupam seis maratonas realizadas nas cidades de Berlim, Boston, Chicago, Londres, Nova York e Tóquio. Seria mais apropriado adotar um nome em Guarani, alinhado à proposta do evento, como os aspectos da cultura indígena, que estão presentes no kit que contém a camiseta com grafismo e um colar indígena.

Antes da corrida, os participantes têm a possibilidade de serem pintados no rosto como “guerreiros para enfrentar as trilhas do povo Guarani no meio da Mata Atlântica”.

Imagem 3 – Kit da corrida



Imagens meramente ilustrativas

²⁸ https://pt.wikipedia.org/wiki/World_Marathon_Majors acessado em 24/04/2025.

“É um evento esportivo com muita cultura e história nas terras dos primeiros habitantes do Brasil” diz o enunciado no site do evento.

Rafael fala com orgulho: “Eu gosto de levar as pessoas para uma viagem sensorial, uma coisa fora do comum, aquelas coisas que mexem com nossos instintos, deixam nossas emoções à flor da pele e as lembranças para sempre na nossa memória. A Guarani Race é assim!”

Em uma entrevista concedida para Wanderlei Oliveira, criador do podcast “Eu e a Corrida”²⁹, Rafael conta como foi o primeiro contato com os indígenas e características sobre o evento:

No primeiro contato em 2013, eu entrei na aldeia sem avisar, sem horário, dizendo que queria falar com o cacique. Fui levado para uma casa, a casa de reza como eles a chamam, totalmente enfumaçada devido a fogueira ser acesa dentro da casa para espantar os maus espíritos. Alguns indígenas estavam fumando cachimbo. Me indicaram com o movimento da mão onde eu deveria me sentar e todos os indígenas falavam entre eles no idioma Guarani. Naquele momento tive a sensação que eu não era bem vindo, porque o indígena tem em sua característica de comportamento não ser muito sorridente. Enquanto nós aprendemos que a simpatia vem através do sorriso, os indígenas não, eles têm um outro modo de se comunicar, eles são muito sérios na forma como falam. E eu me senti lá, naquele momento, muito assustado, e até com medo, porque de repente eu percebi que eu estava no meio de indígenas fortes, armados (armas indígenas como lanças, arco e flecha e facões) e queriam saber o que eu estava fazendo lá, o que eu queria. Aqui fora nós estamos acostumados a ter argumentos para convencer as pessoas em reuniões de apresentação de nossos projetos, e não é a mesma forma que você conversa com os indígenas. Quando você começa a desenvolver a sua ideia eles já olham e perguntam o porquê de você estar falando este monte de coisa, esse monte de “mentira”, dizem não estarem interessados nisso. Então você tem que ter uma cautela muito grande na forma como você explica a sua ideia. Então, eu precisei ser muito habilidoso neste sentido. No primeiro momento, eu quis criar uma relação de confiança com eles e falei que tinha uma ideia, mas precisava ver se eles iam gostar. Eu queria trazer pessoas aqui dentro para ter o primeiro contato com os indígenas, poder correr e fui explicando o meu projeto. Eles pediram que eu voltasse outro dia ... e eu fiquei meio sem entender.

Mas Rafael insistiu até conseguir transmitir a sua ideia às lideranças da aldeia e convencê-los a realizar o evento:

Hoje eu consigo abraça-los, eu sei como cada um age, tenho diversos amigos lá dentro, as grandes lideranças, apesar de eles não terem este contato físico, o indígena não abraça, mas hoje eu consigo olhar nos olhos e dizer o quanto

²⁹ <https://www.youtube.com/watch?v=PNZvESWAYQ8&t=3841s>, acessado em 12/10/2024

eu gosto, tem alguns que eu tenho esta relação mais íntima para dizer o quanto ele é muito especial, como é bom ser seu amigo, e tem outros que eu não tenho essa mesma intimidade porque não me deram essa liberdade. Mas esta relação com eles é o que faz a Guarani Race acontecer. É uma relação em que eles também têm que entender, e eles sabem que este evento, até pelas características das pessoas que vão, é um evento para um público de padrão premium, a Guarani Race não é uma prova popular porque é um evento caro e muito bem elaborado, a infraestrutura é muito completa e existe uma importante contrapartida de um percentual acordado desde a primeira edição, uma participação com valor financeiro substancial pago aos indígenas para que eles possam fazer as melhorias necessárias na aldeia, então nos últimos anos muitas melhorias foram feitas. Algumas vezes eu já recebi e-mail na minha empresa dizendo que eu preciso parar de me “aproveitar” dos indígenas. Eu penso, de onde as pessoas tiram a ideia que você tem a capacidade de enganar um indígena em pleno ano de 2023? Ninguém engana indígena, eles já são calejados e por isso eles são tão resistentes ao contato. Eles gostam das pessoas, mas eles precisam da ajuda financeira, então eles sabem negociar para que o evento seja benéfico para toda a comunidade e não só para um ou outro. Eles são muito democráticos neste sentido, todo dinheiro é dividido entre as famílias.

O relato diz respeito à alteridade, às trocas simbólicas e à tensão entre visibilidade e apropriação cultural. Rafael reconhece a diferença cultural no modo de expressar afeto ao observar que “o indígena não abraça”, apontando para códigos distintos de interação social. Tal percepção remete à noção de alteridade, que exige o esforço de compreender o outro a partir de sua própria lógica cultural (Lévi-Strauss, 1996). Ao afirmar que “ninguém engana indígena em pleno 2023”, Rafael aponta para a capacidade de negociação e resistência, reafirmando a importância de entendê-los como sujeitos históricos com estratégias próprias de ação.

Rafael continua frisando que precisamos entender que existe um erro de linguagem na história quando afirmamos que o Brasil foi “descoberto” em 1500:

O Brasil não foi descoberto, o Brasil foi invadido. Esta terra já pertencia aos indígenas. Estas distorções precisam ser mostradas, não para que a gente devolva a terra para os indígenas, até porque não temos condição, porque o Brasil já foi inteiramente povoado, mas o que nós precisamos é nos entender como seres humanos e onde estamos inseridos neste mundo. Porque senão você fica vivendo uma distorção e essa própria condição da nossa característica consumista onde vivemos no mundo globalizado, economia, dinheiro, moedas, mas você precisa entender a sua origem, por que você é assim, de onde você veio e onde você está.

Rafael enfatiza a necessidade de ter construído uma relação de confiança e amizade para perpetuar a realização do evento por tantos anos:

Eu construí uma grande amizade com o Pajé e as outras lideranças através da confiança. Como os indígenas são muito desconfiados com as pessoas, com o homem branco, pois historicamente foram massacrados, é natural que de geração em geração vai passando essa falta de empatia pelo homem branco. Isso é bom porque ajuda a preservar a cultura deles e os valores que são incríveis. Minha intenção é aproximar culturas. Nenhum contato entre seres humanos tem que ser difícil.

Rafael afirma que se aproximou da aldeia com o interesse de mergulhar na cultura dos indígenas e este é um dos motivos de existir a Guarani Race, para permitir aos atletas correr e ao mesmo tempo viver uma experiência como esta.

Além disso, Rafael define o evento como “familiar”, pois as famílias dos corredores aproveitam para conhecer a aldeia indígena, podendo participar também de uma caminhada de 6 km e as crianças de uma corrida Kids. Para os corredores há opção de percursos de 6 e 12 km.

Até 2019 a corrida acontecia anualmente no mês de maio, quando em 2020 e 2021 a realização do evento teve que ser interrompida devido a pandemia de Covid-19 e às restrições impostas no Brasil e em todo o mundo. A partir de 2022 a corrida passou a ser realizada em duas edições anuais, uma edição em maio apelidada da Ydju (amarelo na linguagem Guarani) e outra edição em outubro apelidada de Pitã (vermelho na linguagem Guarani). Rafael finaliza: “A mágica só acontece quando você consegue unir todos estes interesses e prazeres.”

Foto 2 – Da esquerda para a direita: Cacique Adolfo, Pajé Liveis e Rafael em 2019



Planejamento e organização que antecede o evento

Para a organização e preparação de cada edição da Guarani Race é realizada uma reunião entre Rafael e as lideranças indígenas, incluindo o Pajé e o Cacique.

Rafael explica que a parte mais importante, que é a criação da marca e o conceito do evento, aconteceu no lançamento em 2014, em sua primeira edição. E a cada nova etapa do evento, precisamos alinhar com os indígenas todos os detalhes novamente. Começamos pela abertura das inscrições no site do evento, com a definição do kit dos atletas, valores de inscrição, reunião com a Prefeitura local, alvarás, reunião com os indígenas para definir todos os serviços prestados por eles e respectivas datas de entrega, até chegar o grande dia do evento, quando toda a entrega será realizada.

A limpeza da trilha, iniciada uma semana antes do evento, é realizada pelos indígenas e inclui a remoção ou talhamento de troncos grandes, corte ou remoção de galhos que podem ferir os atletas, remoção de folhas que podem abrigar cobras e verificação de colmeias de abelhas ou vespeiros. O cacique me explica que recebe da organização uma ajuda de custo e que ele organiza um café e um almoço coletivo e convida todos os jovens das aldeias. Ele enfatiza que é importante as comunidades participarem, porque a terra não é dele e o benefício da corrida não é só para ele, é para todos. Então todos devem ajudar. Quem quiser vem, come, eu explico o trabalho e eles ajudam.

Durante a corrida, a orientação aos atletas no percurso é feita por 20 a 30 indígenas (guerreiros xondaros) e dois coordenadores, um para cada percurso (6 e 12 km). A comunidade indígena é remunerada em um valor que corresponde a 10% do valor das inscrições³⁰, além de receber adicionalmente pelos trabalhos de limpeza da trilha, sinalização do percurso, pintura corporal e o ritual de dança. Toda a venda de artesanato e comidas típicas também é revertida para a comunidade.

A equipe de “não indígenas” contratada é de aproximadamente 20 pessoas, responsáveis pela organização da arena (espaço de concentração onde ocorre a largada e chegada), montagem das estruturas, sistema de som e locução, hidratação, entrega de kit, entrega de medalhas e pós-kits e premiação. Também é contratado o serviço médico com ambulância UTI.

³⁰ Considerando estimativa de 600 pessoas e valor médio da inscrição de R\$ 225,00, o percentual de 10% totaliza R\$ 13.500,00

Para a Funai é apresentado a cada etapa do evento o “termo de anuência” assinado pelas lideranças indígenas da aldeia, o Pajé e o Cacique. E mesmo se tratando de terras indígenas, é necessária a autorização com alvará concedido pela Prefeitura.

Um dos aspectos mais críticos para a realização do evento é, sem dúvida, a condição climática. É um desafio estabelecer a data de realização do evento, que precisa ser definida com vários meses de antecedência. A região do litoral norte do estado de São Paulo tem histórico de alto índice pluviométrico, sendo que São Sebastião está em quinto lugar na lista das cidades onde mais choveu no Brasil em 2023³¹, com precipitação anual de 3.036 mm.

Corridas de rua são realizadas mesmo em condições severas, pois a cobertura asfáltica do percurso é estável. Já o percurso da corrida de trilha pela floresta de Mata Atlântica traz diversos desafios, como algumas subidas e descidas mais íngremes e travessia de rios, que ficam intransponíveis dependendo do nível de água. Inclusive chuvas fortes na véspera, ou dias anteriores à corrida, podem impactar significativamente a trilha e a realização do evento.

A edição de abril de 2022 teve que ser cancelada, pois chuvas muito fortes na véspera causaram estragos na estrutura do evento, que já estava montada, alargamentos em trechos da trilha e aumento no nível do rio. Este evento teve que ser adiado em 4 meses, sendo realizado em 27/08/2022.

No manual do atleta da edição de novembro de 2022³² estava previsto tempo instável com 90% de possibilidade de chuva a qualquer momento e a seguinte mensagem:

É claro que preferimos um lindo dia de sol. Mas não vamos reclamar de um dia nublado ou de chuva fraca ou moderada. São situações climáticas normais que não interferem no andamento do evento. Vamos respeitar a vontade de NHANDERU (Deus dos indígenas guarani) e celebrar junto com os indígenas a magia da GUARANI RACE.

E a corrida foi realizada sem chuva, com tempo nublado e abertura parcial com sol durante a premiação.

³¹ Almeida, Cristiano, Boletim Anual de Precipitação no Brasil 2023, pág. 9, 2024.

³² ZBR Events, Guarani Race YDJU - Manual do atleta, 2022.

Na edição de 26/08/2023, que foi realizada com frio e chuva moderada, o percurso de 12km teve que ser reduzido, pois não havia condições seguras para a travessia do rio. Notem que exatamente um ano antes, no dia 27/08, a corrida foi realizada com tempo bom e sol.

Ainda em 2023 estava prevista a realização de uma terceira edição em dezembro, que teve que ser prorrogada para maio do ano seguinte, também devido às condições climáticas.

Em fevereiro de 2023 ocorreu uma catástrofe climática de grandes proporções na região, que levou à morte mais de 50 pessoas em todo litoral norte de São Paulo, devido às chuvas fortes concentradas em um pequeno período. A aldeia ficou ilhada, moradias foram inundadas e houve perda de alimentos e bens materiais. O posto de saúde da aldeia foi atingido e a Prefeitura de Bertioga direcionou um trailer de pronto-atendimento e uma unidade de saúde da família.

Os atletas inscritos, a família e os amigos, também precisam se preparar antes do dia do evento. A revisão do carro está em dia, pneus calibrados? Cada atleta tem sua rotina de preparação. Eu tenho uma checklist que inclui separar o tênis de trilha, a mochila de hidratação, protetor solar, boné, luva de ciclista³³, laranja ou mexerica para consumir durante a corrida e um energético à base de cafeína para ajudar nos quilômetros finais. Fones de ouvido também fazem parte dos acessórios de corrida para muitos, mas para esta corrida desaconselho o uso pois uma parte fundamental da corrida é ouvir, cheirar e olhar a natureza em toda sua exuberância.

Ir a este evento, da perspectiva de quem se inscreve, é uma viagem para outro país com culturas e línguas diferentes. Os papéis de corredor e turista muitas vezes se confundem, sendo que entre os corredores é comum ouvir a expressão “maratourista” para se referir a corredores que viajam o mundo para correr maratonas. Mas neste caso, nós somos os “estrangeiros” que estamos visitando a terra Brasil com suas culturas e suas línguas originárias. E antes de viajar para um outro país pesquisamos e lemos sobre a cultura e aprendemos palavras básicas que vamos usar no dia-a-dia durante a nossa visita.

Algumas condutas também devem ser observadas e seguidas. Chegar à aldeia com respeito ao povo, a cultura e a natureza, com vontade de aprender. Seguir regras

³³ Durante o percurso, em alguns trechos íngremes é necessário se segurar em galhos e troncos, que em algumas espécies são espinhosos.

básicas como perguntar antes de fazer fotos e vídeos com os indígenas e sobre os locais que podem ser acessados. Não remover plantas ou qualquer material exceto o próprio lixo que produz. Muitas famílias e corredores também levam mantimentos, brinquedos para as crianças e outros donativos para a aldeia.

A inscrição para participar da corrida Guarani Race é feita por uma página de internet³⁴ que apresentam duas versões do logotipo da Guarani Race, um símbolo formado por grafismo de motivo tribal nas cores amarelo (ou vermelho) e preto, diferenciando as duas etapas anuais do evento. As fotos com o rosto de um indígena de colar, usando cocar e com a floresta no fundo, formam o link que levam para a etapa Ydju³⁵, realizada em maio, e para a etapa Pitã³⁶, realizada em outubro.

Imagem 4 - Página de internet para inscrição ao evento

³⁴ <https://zbrevents.com.br/guaranirace>, acessada em 28 de abril de 2025.

³⁵ Ydju = Amarelo em Guarani, nome de uma das etapas anuais do evento.

³⁶ Pitã = Vermelho em Guarani, nome da outra etapa anual do evento.

Na página seguinte, o corredor começa a entrar no espírito desta corrida diferenciada com as frases “Um encontro fascinante com as nossas origens”, “Muito além de uma simples corrida” e “A Guarani Race é uma experiência única!”. Escolhe-se a modalidade e a distância desejada: Corrida Kids (fun-running³⁷ para crianças a partir de 4 anos), caminhada de 6Km (walking-trail³⁸ a partir de 12 anos), corrida de 6km (easy-trail³⁹ a partir de 16 anos) e corrida de 12km (hard-trail⁴⁰ para maiores de 18 anos). A página lista os itens que compõem o kit de corrida (iguais para todas as modalidades) e o preço, que é menor apenas para a corrida Kids, como incentivo aos pequenos.

O kit de corrida contém uma camiseta de poliamida, uma sacola “bag” (sacola de pano com tiras que é distribuída na maioria dos eventos de corridas e são uma ótima opção, mais leve, para substituir a mochila no dia-a-dia), squeeze de 500ml (garrafa de plástico com uma tampa que facilita beber a água), vale pintura facial, tatuagem removível com o logotipo da corrida (aplicada na pele com uma esponja embebida com água) e o número de peito, papel reforçado de 20 x 15 cm que contém o número de identificação do atleta, o primeiro nome e a modalidade da corrida. O mesmo deve ser preso na camiseta com alfinetes e no verso traz um chip descartável que registra o horário exato que o atleta passa pela linha de largada e chegada, marcando o tempo individual. Se nas primeiras edições da corrida o kit incluía um colar (artesanato confeccionado pelos indígenas), nas edições de 2023 a aquisição do colar passou a ser opcional (com uma aceitação baixa de aproximadamente 20%) e a partir de 2024 o colar não fez mais parte do kit, podendo ser adquirido diretamente na feira de artesanato organizado pelos indígenas no dia do evento.

Após um breve cadastro de informações pessoais e indicar a modalidade e a distância desejada (com opção para pessoas com idade 60+ com desconto de 50%), escolhe-se o tamanho da camiseta (pequena, médio, grande e extra grande) e entre feminina (modelo baby look que tem comprimento e mangas menores) e masculina. Ao valor da inscrição é adicionada a taxa de serviço cobrado pela empresa que intermedia as inscrições e o pagamento pode ser feito por PIX, boleto ou cartão de crédito.

³⁷ Fun-running: Corrida de diversão, sem competitividade e sem marcação de tempo.

³⁸ Walking-trail: Trilha de caminhada para ser percorrida caminhando devagar sem marcação de tempo.

³⁹ Easy-trail: Corrida de trilha fácil em terreno pouco acidentado.

⁴⁰ Hard-trail: Corrida de trilha difícil em terreno acidentado com declives.

O valor varia conforme a antecedência que é feita a inscrição. Para o evento de 2024, variou de R\$ 207,99 a R\$ 245,03 (inscrição feita 10 dias antes da corrida). O valor é similar a outras corridas de rua realizadas em São Paulo, como a Corrida das Estações, que tem aproximadamente 3 mil inscritos e a famosa corrida São Silvestre, realizada todo fim de ano e cuja inscrição na última edição custou R\$ 240,00 e contou com 37.500 inscritos.

O valor da inscrição tem-se mantido sem reajuste desde a primeira edição de 2014, quando paguei R\$ 207,00. Para as duas edições de 2025, a primeira em maio/2025 custa R\$ 195,80 e, comprando junto a inscrição para a edição de outubro/2025, obtém-se sobre esta um desconto de 21% que resulta em um valor de R\$ 154,40.

Em comparação com o salário mínimo, o valor da inscrição de 2014 (salário mínimo de R\$ 724,00) corresponde a 28,6%, enquanto que o valor médio da inscrição de 2025 (salário mínimo de R\$ 1.518,00) corresponde a 11,5%

Concluída a inscrição, recebe-se um e-mail de confirmação com todos os dados. A página do evento também traz informações sobre os percursos de cada modalidade e informa: “O percurso da Guarani Race vai levar você a trilhas centenárias em meio a Mata Atlântica, um lugar cheio de histórias e mistérios, onde os indígenas Guarani vivem até hoje como seus antepassados.”

Para a distância de 12km informa que é um percurso inteiramente dentro da reserva indígena praticamente plano com inclinação média de 3% e inclinação máxima de 17%. Tem duas travessias de rio, uma sobre um tronco e a outra com água na altura dos joelhos e todo o percurso é sinalizado com mais de 30 Xondaros (guerreiros indígenas) que estarão espalhados em pontos estratégicos da trilha para orientar os atletas. Para a hidratação, o percurso oferece diversos pontos naturais de água potável para o atleta.

Na seção de regulamento são informadas a data, o local do evento e os horários de largada para cada modalidade. Todos os participantes recebem a medalha “Finisher” e em cada modalidade de corrida são premiados com troféus os 5 primeiros na categoria geral e por faixa etária. Também informa sobre as datas e horários para a retirada do kit, que acontece preferencialmente na véspera da corrida (sexta-feira) na Pousada HB Point, localizada na praia de Boracéia, a 3 km da Aldeia indígena, ou no dia da corrida, na manhã do evento, antes do horário da largada. Neste caso, a organização pede para o atleta chegar cedo para não gerar aglomeração na entrega

do kit. Assim como em outros eventos de corrida, não é permitida a alteração do tamanho da camiseta no momento da retirada de kit. O tempo limite para finalizar a prova é de duas horas e meia. Diferente de outras corridas, não são disponibilizados “guarda-volumes”, o que eu considero desnecessário, pois os participantes chegam ao evento de carro ou em vans.

O regulamento traz outras informações, comuns para este tipo de evento, como cancelamento diante de fenômenos e desastres naturais ou calamidade pública, devolução em caso de desistência e transferência de titularidade. Frisa ainda que a inscrição é de caráter pessoal, não podendo um atleta participar com o número de outro e responsabilizando o inscrito que cedeu seu número ao outro. Considero esta questão muito importante, pois a organização do evento contrata serviço de ambulância para o caso de acidente. A organização garante a proteção de dados conforme a LGPD⁴¹ e a empresa de cronometragem contratada divulga a lista de classificação com nomes e tempos ao final do evento. O atleta aceita incondicionalmente e concorda em ter sua imagem e voz divulgada através de fotos ou qualquer outro meio de comunicação, para usos informativos, promocionais ou publicitários relativos à corrida (Cessão de direitos de imagem). O regulamento finaliza com um termo de responsabilidade pessoal que é aceito por todos através da inscrição realizada.

O site também tem uma seção de Localização com orientações para se chegar na Reserva Indígena, sugestões de hospedagem e opção de contato através de WhatsApp. No final da página são exibidos alguns dos comentários que atletas fizeram na rede social Instagram, como “experiência muito além da corrida”, “lindo percurso”, “experiência única”, “evento mágico” e “surreal, para ficar na memória”.

Por fim, a página exibe 3 fotos muito coloridas e que dão um gostinho inicial aos corredores sobre as experiências que os aguarda. (Foto 3 - Momentos de história, cultura e esporte)

A primeira foto, com o título “História”, exibe um indígena de costas com um lindo cocar de penas longas observando o grupo de corredores com camisetas coloridas ao fundo que o cercam e parecem ouvir as últimas recomendações antes de iniciar a aventura.

⁴¹ LGPD - Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais - Lei nº 13.709, de 14 de agosto de 2018.

A segunda foto mostra um conjunto de trabalhos de artesanato com cestas bem coloridas, destacando-se tonalidades do laranja ao vermelho, cocares feitos com penas de pássaros e flautas e o título “Cultura”, convidando os participantes para conhecer, apreciar e adquirir os artesanatos feitos a mão. O artesanato para os povos indígenas tem um significado de expressão de identidade cultural, ligação espiritual com a natureza e ferramenta de subsistência e resistência cultural. Semelhantemente a outras culturas ameríndias, para os Guarani, o homem e suas atividades, como a caça e a proteção do grupo, ficam expressas nas imagens do arco e da flecha. Conforme comenta Lorenzoni (2010), o cesto, entre os Guarani, está relacionado ao universo feminino, pois é nele que ela carrega o sustento de cada dia.

A última foto, com o título “Esporte”, captura o instante em que duas corredoras sorridentes correm pela trilha de terra coberta por galhos e folhas com uma exuberante floresta fechada no fundo. Cria no atleta o desejo de também poder participar deste evento e sentir a emoção de correr naquele ambiente. O atleta é desafiado a experimentar uma corrida em um ambiente natural inexplorado com um percurso desconhecido e que vai proporcionar dificuldades novas e diferentes⁴².

Foto 3 – Momentos de história, cultura e esporte



História

Cultura

Esporte

O conjunto das 3 fotos mescla o espírito do evento, que é a convergência da história, da arte, da cultura e do esporte dentro de um meio ambiente natural e preservado.

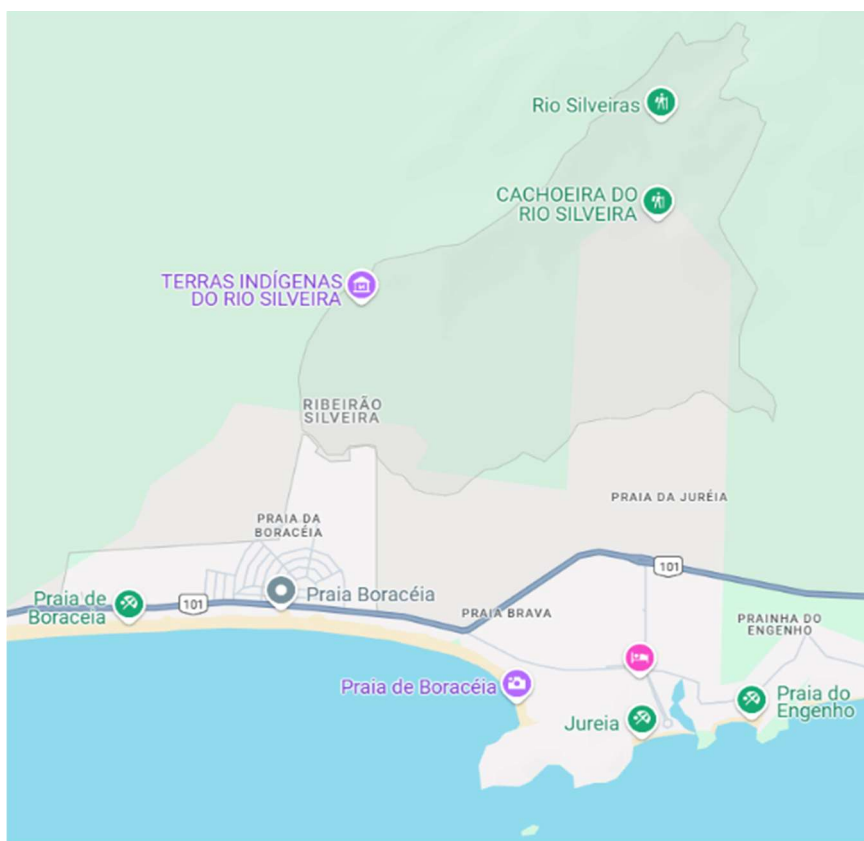
⁴² <https://zbrevents.com.br/guaranirace/ydju/>, acessado em 28/04/2025.

26 de outubro de 2024 - O dia da corrida

Alguns corredores e grupos de corrida optam por vir a Boracéia somente no sábado de manhã, economizando assim com a hospedagem, mas eu prefiro viajar na véspera (sexta-feira), programando a minha chegada com o horário de almoço para já desfrutar a refeição no litoral.

Após a viagem de duas horas de carro utilizando as rodovias Imigrantes (SP-160) e Rodovia Governador Mário Covas (BR-101 - também conhecida como Rio Santos), chega-se a Boracéia, uma praia com extensão de aproximadamente 5 quilômetros divididos entre os municípios de Bertioga e São Sebastião. No quilômetro 183, um pouco antes da divisa entre os dois municípios, uma grande placa marrom indica a entrada para a avenida Tupi Guarani, que leva até a entrada da aldeia, distante um quilômetro e meia da praia.

Mapa 1 – Praia Boracéia e Terras Indígenas do Rio Silveira



Em cada edição da corrida, fico em uma pousada diferente que reservo com alguns meses de antecedência devido à grande procura nos finais de semana. Desta vez fiquei na pousada HB Point, a mesma utilizada pela equipe da ZBR Events para

fazer a entrega do kit na véspera do evento (sexta à tarde). Estacionei em uma das vagas disponíveis para hóspedes na frente da casa de dois andares. Fui até a recepção fazer o check-in, recebi a chave do quarto, localizado no andar superior, e subi com as malas de viagem. Depois desci para pegar o kit de corrida com a Ana Paula, uma das integrantes da equipe da ZBR Eventos. Finalizo o dia com uma caminhada na praia, logo à frente da pousada, no outro lado da rodovia.

No sábado, acordo às seis e meia. O café da manhã é servido para os hóspedes somente após as oito horas, mas durante o check-in a recepcionista já havia me informado que, para os corredores, o hotel preparou um kit contendo misto frio, bolacha água e sal, maçã e iogurte. Desço para pegar os itens do café da manhã, faço um café expresso e volto ao quarto para comer e me arrumar. Ao conferir a página do organizador do evento no Instagram vejo a seguinte mensagem: “Por aqui tudo pronto!!! Não chove e não há previsão de chuva forte aqui na aldeia. As trilhas indígenas estão prontas para você viver esta experiência única! 26 OUT 2024”

Saindo da pousada às sete e quinze, de carro, em dez minutos eu já estava entrando na reserva indígena, que se inicia por uma estrada de terra após passar uma pequena ponte de madeira. No lado esquerdo, uma casinha de alvenaria serve de portaria e, no lado esquerdo, uma placa branca com duas listas nas cores verde e amarelo com a inscrição: “Governo Federal, Ministério da Justiça, Fundação Nacional do Índio, Terra protegida, Acesso interditado a pessoas estranhas.”⁴³



⁴³ O artigo 231 da Constituição Federal de 1988 reconhece os direitos dos povos indígenas e suas terras, incluindo o direito de organização social, costumes, línguas, crenças e tradições. O artigo 18 da Lei nº 6.001/73 estabelece que as terras indígenas não podem ser arrendadas ou sujeitas a qualquer ato jurídico que limite o pleno exercício da posse direta pela comunidade indígena. O artigo 161 do Código Penal tipifica o crime de alteração de limites de propriedade, punindo quem suprime ou desloca tapumes, marcos ou sinais indicativos de linha divisória para se apropriar, no todo ou em parte, de coisa imóvel alheia.

Alguns metros à frente, estaciono na beira da própria avenida, pois um grande campo gramado mais à frente, improvisado como estacionamento para o evento, já está lotado de carros, vans e micro-ônibus.

Seguindo a pé, passando pelo estacionamento, no lado oposto, vejo três pequenas casas de alvenaria e em uma delas a inscrição em letras azuis sobre a parede branca: “OÔ TENTXAI RÃ REKO PYGUA – POSTO DE SAÚDE”. Em frente das casas, 8 banheiros químicos enfileirados foram instalados pela organização para o uso pelos atletas e visitantes.

Caminhando por mais cinquenta metros, encontro uma placa de metal com a palavra “Microlixo” escrita sobre a pintura de um peixe. Organizado pela Prefeitura de São Sebastião junto ao evento Guarani Race, a “Semana Lixo Zero” é uma intervenção socioambiental em fomento à Cultura Lixo Zero, interagindo com o público para produzir um painel ativista sobre o micro lixo espalhado na natureza.⁴⁴ Um pouco à frente, duas casas de madeira. Ando mais duzentos metros até chegar na arena do evento.

A frente, continuando pela estrada de terra, algumas folhas de bananeira cobrem um trecho com poças de lama antes do pórtico branco com a inscrição “Guarani Race” e dois cronômetros zerados que irão indicar o tempo total percorrido para as distâncias de 6 e 12 km. A direita, uma tenda branca para a equipe de primeiros socorros com uma ambulância estacionada ao lado. À esquerda, duas outras tendas brancas. Uma para a equipe de cronometragem e sistema de som e outra para distribuir os kits da corrida para aqueles que não tiveram a oportunidade de retirar na véspera. Atrás das tendas, dois grandes espaços gramados cercados por altos coqueiros onde grupos de corredores conversam animadamente. Diante dos coqueiros, um podium com cinco posições onde corredores se revezam para fotos defronte a uma grande lona branca com o logotipo vermelho e preto da Guarani Race. Ao longo do gramado, indígenas exibem artesanato para venda, algumas peças penduradas em pequenos coqueiros e outras peças dispostas em tábuas de madeira improvisando pequenas mesas ou sobre panos esticados no chão.

Em frente a um pequeno barraco de madeira, duas indígenas pintam os rostos dos corredores. Utilizando-se de curtas lanças finas feitas de bambu e tinta preta

⁴⁴ <https://www.instagram.com/sslixozero/p/DBZeLq8SOaV>, acessado em 30/10/2024.

resultante da mistura de água e carvão, desenham com carinho traços em paralelo ou flechas nas bochechas dos corredores que se alinham em duas filas.

Enquanto meu rosto é pintado com duas linhas paralelas e uma linha diagonal em cada lado do rosto, ela me explica que as pinturas corporais carregam a identidade cultural de sua comunidade e etnia e que peles de animais, como jabutis e cobras, servem de modelo para os grafismos. Para obter outras cores, utilizam a tinta à base de sementes de urucum, que dá uma coloração vermelha à pele e o calcário, que se encontra na terra, para obter o branco. A minha pintura aguentou apenas alguns minutos antes de borrar e se misturar ao suor devido ao intenso calor que começava a se formar ainda antes das oito horas da manhã.

De microfone em mãos e posicionado no pódio junto ao cacique Adolfo (à esquerda) e o Pajé Liveis (à direita), Rafael pede a todos para se agruparem à sua frente para as últimas orientações antes da largada. Inicialmente ele chama a Ana, fotógrafa oficial do evento, para subir ao pódio e fazer duas fotos de todos. Combina que vai contar até três e pede para todos levantarem os braços e gritar “Hooow”.

Foto 4 - Da esquerda para a direita: Cacique Adolfo, Rafael e o Pajé Liveis



Em seguida Rafael passa o microfone para o Cacique Adolfo que fala com voz serena, mas firme:

Primeiramente agradecer a todos os atletas, a todos os visitantes, sejam bem vindos à nossa terra. Eu quero também saudar em nossa língua, vamos repetir juntos: Javy ju, pronuncia djawy dju, [todos repetem], bom dia [todos repetem novamente] e mais uma vez, Javy ju [todos repetem], bom dia [todos repetem novamente]. Primeiro quero pedir atenção para todos se virarem, olharem para frente e observar o que veem.

Todos se viram para trás e observam a exuberante cordilheira da serra do mar coberta com uma densa Mata Atlântica a perder de vista. Cacique Adolfo continua: “Então vamos retornar o olhar para mim agora”. Todos se viram novamente e o Cacique prossegue:

Nossos antepassados já viviam nesta região montanhosa, serra do mar, Mata Atlântica, hoje nós temos 20% da Mata Atlântica, área verde, só terra indígena e tem homem branco de olho para tomar esta área verde para eles, e nós precisamos de toda ajuda de vocês, todo movimento para a gente garantir este espaço que nós temos. Nesta montanha que vocês olharam, a Serra do mar onde vivem muitos animais da floresta e tem muita água cristalina que sobrou, pouco que sobrou. Não temos mais ouro e diamante, nem Pau Brasil tem mais, mas o que temos aqui querem tomar, as pessoas que têm dinheiro querem comprar tudo e deixar nós sem nada, querem assaltar os indígenas na cara dura e vocês vão ser militante, soldado para defender a gente, então neste momento eu falo isso, hoje nós temos esta mudança climática, aquecimento global, então estamos também preocupados, porque no mundo não vai ter mais alimento, não vai ter mais água, então estamos muito preocupados, não vai ter mais medicamento, vai faltar muita coisa, então nós temos pouco tempo para lutar juntos e defender esta natureza. Vocês que vão fazer 12 km vão observar que está intacta a trilha, floresta, água, e vão ter a oportunidade de passar pela aldeia antiga onde estão os nossos antepassados enterrados lá nesses lugares, então consideramos o espaço sagrado, tem que entrar na floresta com respeito. Daqui a pouco para a largada vou fazer uma reza também para deus da floresta dar proteção para vocês.

Após todos os presentes ouvirem atentamente as palavras do cacique Adolfo, muitos aplausos. Eu achei muito interessante a forma descontraída que o cacique utilizou para chamar a atenção para os problemas da comunidade e desta forma criar uma conscientização entre os visitantes. Ao tratar do assunto em palavras cotidianas e convidando os participantes a se integrar, ele desarma eventuais resistências e busca implicar corredores e corredoras numa discussão pelos direitos indígenas e

assim reposicionar a opinião rotineira de parte da sociedade em relação às causas indígenas, principalmente no que tange o posicionamento contra o marco temporal.

Ele também expressou de forma clara a preocupação de sua aldeia com a preservação da floresta, da natureza, e com a especulação imobiliária que ameaça a sua terra. Assim como pede a proteção de nós corredores, pede para que a mensagem dele seja transmitida por nós para que outras pessoas se sensibilizem com as causas indígenas. Essa relação entre os povos indígenas e a natureza é amplamente desenvolvida por Ailton Krenak em “Ideias para adiar o fim do mundo” (Ailton Krenak, 2019), livro no qual o autor denuncia o colapso ambiental provocado pela lógica capitalista de consumo e exploração. Para Krenak, a terra não é um recurso, mas um ente com o qual se estabelece uma relação de cuidado e interdependência. Rafael volta a falar:

É isso, eu acho que a gente só consegue se sensibilizar pelo outro quando conhecemos o outro, as dores do outro, e eu acho muito importante, sei que muitos de vocês nunca tiveram contato com indígena, estão tendo pela primeira vez, e que isso não seja só para fazer uma foto para sair bonito no Instagram. Para que vocês tragam para dentro de vocês o entendimento e a importância de vocês multiplicarem todo este entendimento, este aprendizado que vocês estão tendo aqui hoje. Falem da importância e do respeito, porque quando vê um indígena lá em Brasília, dentro do Planalto brigando, vira chacota, olha o indígena tá pintado, tá lá brigando, mas será que ele tem força para estar lá, será que ele está lutando contra o universo para estar lá, entendam isso, muita pouca força para uma força econômica muito maior, eu não sou militante, eu não trabalho em ONG, eu não sou idealista, sou empresário, eu gero lucro nos meus negócios, mas acho que tudo na vida tem limite, é por isso que eu defendo e faço isso aqui a 11 anos. Nada contra militante, nada contra ONG (Rafael ri).

Aplausos e risos entre os presentes. Rafael endossa a mensagem do cacique e reforça a importância da corrida para que os corredores e seus familiares conheçam a cultura e o modo de viver dos indígenas e suas preocupações. Esta tarefa não é exclusiva de ativistas ou ONGs. Ele apela para que outros empresários e as pessoas que participam de eventos de etnoturismo se envolvam com empatia e conscientização real em relação aos povos indígenas, destacando que a verdadeira sensibilização só ocorre a partir do conhecimento das dores e da realidade do outro.

Rafael dá continuidade ao discurso:

Lembrando que as florestas estão preservadas, tem água no percurso, ninguém sai para correr com as mãos abanando. A água que vocês têm que

levar ou é daqui ou a garrafinha para tomar lá. Quem quer ir de mãos livres vai ter que fazer aquela velha e boa conchinha no rio para tomar a água. Todo este tempo que estamos aqui jamais distribuimos água pelo percurso, lixo zero, não joguem nada, não deixe nada nas trilhas, por favor. E agora vou passar a palavra para um homem que fala pouco. E o trabalho dele não é falar, é nos abençoar. Tanto que vai ser uma palavra curta, e já vamos nos deslocar para a grande cerimônia indígena que é uma dança maravilhosa que todos vocês vão participar e que vai acontecer lá naquela imagem, onde tem a foto do indígena Airton, que hoje está cuidando da trilha. Uma palavra rápida do Pajé Liveis.

Rafael passa o microfone para o Pajé Liveis:

Javy ju, bom dia a todos. Agradecer a visita de vocês, guerreiros e as guerreiras, e que Nhanderu proteja vocês até a chegada. Eu queria também lembrar do meu primo que faleceu recentemente e a gente lembra muito dele. Ele era um agente de saúde que trabalhou bastante, trabalhou conosco por 16 anos. Eu agradeço muito a Nhanderu que ele está bem hoje. É isso, e muito obrigado pela visita. Muito obrigado.

Mais uma vez muitos aplausos. O Pajé Liveis está visivelmente triste com o falecimento de seu primo, o que justifica a sua fala curta.

Para os Guarani Mbya, Nhanderu (ou Nhanderu Tenondé, “nosso Pai Primeiro”) é o ser supremo e princípio criador do mundo, da humanidade e da palavra verdadeira (ayvu porã). Ele é fonte de vida, sabedoria e ordem espiritual, estando presente em todos os aspectos do mundo, nos corpos, nos cantos, na floresta e nos rituais.

Nhanderu é também uma entidade relacional e plural, expressa em diferentes nomes e manifestações divinas. Sua palavra é transmitida por meio dos xamãs (karaí), e viver segundo seus ensinamentos é essencial na caminhada Guarani rumo à Terra Sem Males (Yvy Marã Ey), um ideal de vida em harmonia com o sagrado. (Florescia Tola, 2012)

Rafael aponta para uma área que fica a 50 metros do pódio, enquanto o Cacique Adolfo fala ao microfone em língua Guarani para chamar os indígenas que vão participar da cerimônia.

Todos se dirigem ao outro campo para fazer um grande círculo em volta de um grupo formado por aproximadamente 20 indígenas entre mulheres, homens e crianças. Todos se dão a mão e começamos a ouvir, primeiro um chocalho, depois o som de violão baixo e depois as batidas de um tambor. Os anfitriões começam a cantar em coro em língua Guarani.

Conforme o cacique me explicou depois, a letra da música é sobre a proteção da floresta e representa uma reza, um canto sagrado para o espírito da floresta.

A música pausa e Rafael pede que todos comecem a andar para o lado direito. A música recomeça. Como são muitas pessoas, solto a mão da pessoa que está à minha frente e passo a formar um outro círculo com as pessoas que me seguem. Logo vejo um terceiro círculo se formando e assim todos os visitantes rodam em volta do grupo que continua cantando e tocando os instrumentos musicais. No final, um jovem grita uma palavra em Guarani que todos repetem e a cerimônia termina com muitos aplausos.

Rafael pede para que os corredores e caminhantes da distância de 6 km se dirijam a linha de largada. Às quinze para nove, já com o sol escaldante, o primeiro grupo de corredores inicia a sua corrida e caminhada pela floresta. Enquanto observo a largada deste grupo, faço um alongamento, visto a luva⁴⁵ e abro no celular um aplicativo que vai registrar o percurso, a velocidade e os meus batimentos cardíacos. Guardo o celular na mochila de hidratação e me dirijo até a linha de largada.

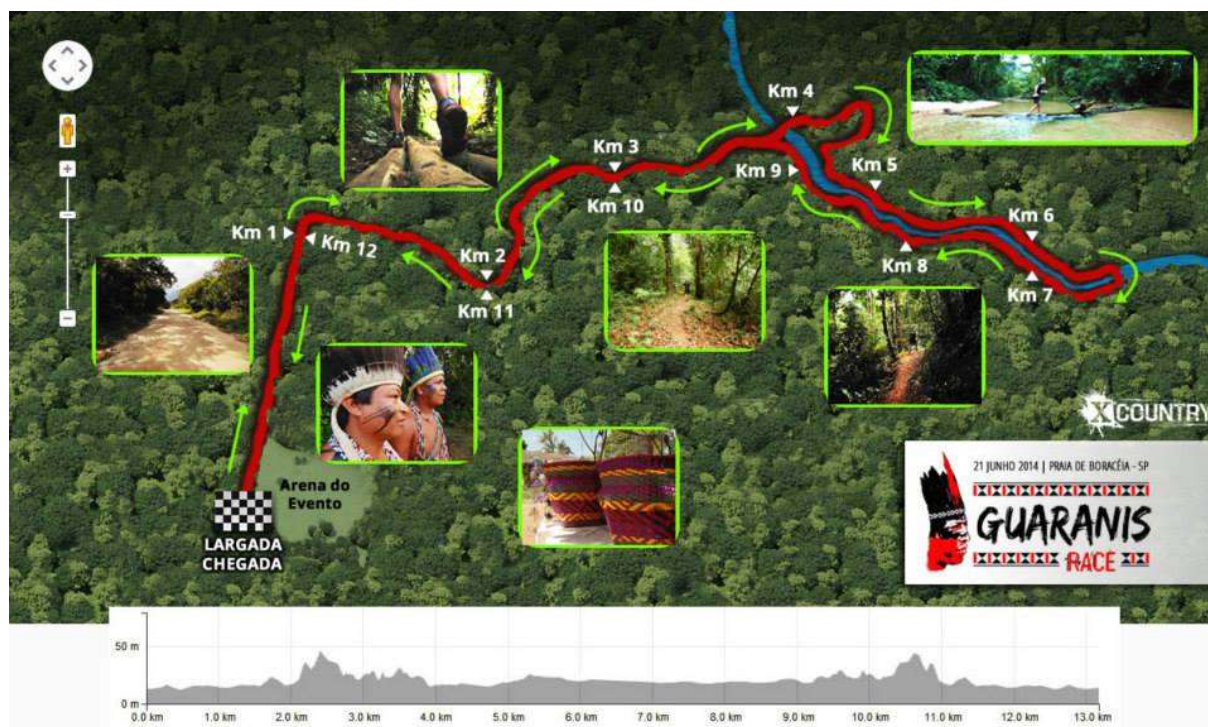
O cacique Adolfo deseja uma boa corrida a todos. Pede para que um cuide do outro e para não deixar ninguém para trás. Explica que vai passar por um rio, que pode tomar água e se refrescar. Ele lembra novamente que vamos passar por um espaço sagrado e pede respeito. Finaliza agradecendo. Muitos aplausos.

O grupo de corredores para a distância de 12 km estão posicionados na linha de largada, onde o pódio traz as duas cronometragens. Uma, a nossa, está zerada e a outra, dos corredores e caminhantes de 6 km, já marca 4 minutos decorridos. Algumas pessoas conversam animadamente, outras estão concentradas ou fazendo selfies, aproveitando a bela paisagem com a serra verde atrás do pódio. As camisetas coloridas criam um ambiente descontraído. Alguns usam as camisetas azuis ou laranjas fornecidas pela organização e outros grupos vestem camisetas identificando seus respectivos grupos de corrida.

Como o primeiro grupo já não está mais à vista, Rafael anuncia que vai antecipar a largada em cinco minutos. Ele faz a contagem regressiva e as 08:55 começamos a nossa aventura pela estrada de terra rumo a floresta fechada da Mata Atlântica.

⁴⁵ Durante o percurso, em alguns trechos íngremes é necessário se segurar em galhos e troncos, que em algumas espécies são espinhosos.

Mapa 2 – Percurso e altimetria



A corrida se inicia pela Avenida Tupi Guarani, uma estrada de terra larga em linha reta de aproximadamente um quilômetro, trecho no qual há uma separação natural entre os corredores de performance, cujo interesse maior é finalizar a corrida em um menor tempo possível e os corredores amadores, que aproveitam a corrida para uma conexão interior e a contemplação do trecho e suas belezas naturais, além de cuidar do corpo e da saúde. Eu faço parte do segundo grupo. Esta ordenação natural entre os corredores mais rápidos e mais lentos no início da corrida é uma particularidade interessante que permite uma corrida mais tranquila para todos, já que nos trechos de mata mais fechada a frente não há muita necessidade de ultrapassar ou ser ultrapassado por outro corredor.

No final deste primeiro trecho noto a esquerda uma grande área em obras, já com algumas colunas de concreto, onde está sendo erguido um novo centro cultural e a ampliação da escola. A escola atual fica logo em seguida, onde duas pessoas da organização e um grupo de 5 adolescentes indígenas orientam os atletas para virar à direita. Começa uma leve subida de uma estrada de terra batida e seca, larga o suficiente para ainda permitir a passagem de carros. Passamos pelo primeiro

fotógrafo, agachado, tirando fotos dos corredores. Ao longo da estrada, algumas casas de alvenaria e outras de madeira formam uma das comunidades da aldeia.

Percorridos 2 km, chegamos a um campo aberto que também é o centro do núcleo Rio Silveira. A esquerda várias casas, entre elas a casa do cacique Adolfo, o centro cultural e a casa de artesanato. No lado direito duas travas de madeira indicam que parte da área serve de campo de futebol, apesar da ausência de qualquer linha ou limitação. Cones enfileirados levam os corredores para uma estreita passagem, entre cercas de bambu, onde outro jovem da localidade sinaliza a direção para adentrar a Mata Atlântica e iniciar o trecho por trilhas que vão ficando mais estreitas e fechadas.

No próximo quilômetro, o caminho ainda é fácil, tendo a mata densa a esquerda e mais aberta a direita, com a trilha seca e coberta por muitas folhas. Nos pequenos desníveis, pedras se formam como degraus. Passamos a primeira de várias pequenas e estreitas pontes, feitas de ripas de madeira, sob os riachos que vão cruzando o nosso caminho, com água cristalina para se refrescar e hidratar.

Dependendo das condições climáticas no dia, e no dia anterior à corrida, a trilha pode estar seca ou com muitos pontos de lama, o que exige a utilização de um tênis especial para corrida de trilha. A trilha e o percurso também variam a cada ano, pois a floresta, como ser vivo, transforma a paisagem continuamente. Troncos grandes que devem ser transpassados pulando por cima ou passando por baixo variam em tamanho e posição de ano em ano.

Isso me faz refletir que, mesmo com a tentativa teimosa do ser humano em tentar dominar, organizar e estruturar o meio ambiente para alcançar seus próprios objetivos, a natureza também é teimosa e persevera para retomar suas origens, seguindo suas complexas interações.

Também começam a aparecer os primeiros sinais do preparo e limpeza da trilha feita pela comunidade. Alguns troncos estão posicionados paralelamente a trilha indicando que foram movidos, troncos maiores que cruzam a trilha foram cortados de forma que deixam um pequeno vão para passar e outros troncos são talhados para reduzir a sua altura, permitindo assim que pulamos por cima deles. Por todo o trecho chama atenção a variedade de plantas, árvores e coqueiros. Folhas de tamanhos variados e cores que vão do verde claro ao verde escuro. Muitas bananeiras e plantas “picos de papagaio” vermelhas.

Estamos em um trecho de leve subida com a floresta ao lado esquerdo e um pequeno abismo no lado direito, mas a trilha ainda é segura permitindo seguir em um trote ou corrida regular. Faço uma pequena pausa para recuperar o fôlego e me hidratar. Observo alguns corredores passando por mim. Todos me cumprimentam com expressões que mostram a satisfação de estar neste ambiente que não é comum no dia-a-dia. Sempre que passamos por alguém parado também observamos se a pessoa está apenas descansando ou se precisa de alguma ajuda.

No próximo trecho, acompanho dois corredores que inicialmente penso que são pai e filha. Pergunto o que acham da corrida e se participam a primeira vez. Pela segunda vez, diz Paulo, que me conta ter uma academia de boxe em São Bernardo do Campo e que Aline é sua aluna. Para eles a corrida estava servindo como um treino de cárdio.

Mais um quilômetro adiante e passo por 3 meninos indígenas que estão caminhando pela trilha na mesma direção que nós. Jean, Hudson e Caíque. Caíque, de 12 anos, gosta de correr e de jogar futebol. Pergunto se ele está se preparando para ser um jovem guerreiro Xondaro e ele me corrige para a pronúncia correta: “chundarús”. Caminhando junto com os meninos chego a uma bifurcação onde a corrida continua a esquerda e a direita é o caminho de retorno pelo qual voltamos mais tarde. Os meninos param e conversam em guarani com um adulto que está sentado sobre um galho a uns 3 metros de altura em uma árvore. Ele emite um som de pássaro para avisar aos demais espalhados pela trilha sobre a passagem dos corredores que ele observa atentamente. Os meninos entram no rio que passa a margear o nosso caminho.

Mais alguns metros à frente corremos sobre um banco de areia, uma prainha com areia fofa, que forma uma curva com o rio. A faixa de areia é estreita, lembro que em anos anteriores este trecho era muito mais largo, desta vez parte está tomada por árvores caídas e muita vegetação devido ao temporal com fortes ventos que atingiu todo o estado de São Paulo no início de outubro. Estamos no quilômetro quatro e é hora de atravessar o rio Ribeirão Vermelho para a outra margem. Dois fotógrafos estão sentados dentro do rio, que tem profundidade que varia até meio metro, captando o momento em que os corredores se refrescam. Atravessamos o rio por cima de um tronco, mas é desnecessário, pois o rio está em vazante indicando uma época de estiagem. É hora de se refrescar, jogar água cristalina no rosto e se hidratar. Um terço do percurso já ficou para trás.

A pouca profundidade do rio alerta para o problema de estiagem cada ano mais prolongada devido as mudanças climáticas. Para comunidades indígenas, ribeirinhas, quilombolas e rurais, que vivem em contato direto com a natureza e dela dependem exclusivamente, as mudanças climáticas serão muito mais severas do que para o homem da cidade, que pode se proteger em casas adaptadas e com ar condicionado.

Alguns trechos também são sinalizados com fitas zebradas em branco e vermelho. Apesar da trilha ter sido muito bem limpa para nossa proteção, outras trilhas menores, que saem da principal, são utilizadas para caça e colheita de palmito e bananas, e assim, a sinalização previne que adentramos em trilhas erradas. Em cada trecho percebe-se o cuidado para que a corrida transcorra sem acidentes e sem o perigo de se perder na mata.

Estamos no outro lado da margem do rio e após alguns minutos chegamos a um campo aberto com uma grande casa de madeira destelhada ao fundo. Outro Xondaro, de nome Edson (nome indígena Karai), observa e orienta os corredores. Como tem o mesmo nome do Pajé, eu questiono, e ele me diz ser filho dele.

Passamos a descer um trecho de dois quilômetros, acompanhando o curso da água, por uma área não habitada atualmente e pouco utilizada (o cacique se refere a esta área como “aldeia antiga”), portanto de trilhas mais fechadas e úmidas. Começam a aparecer algumas pequenas áreas alagadas com muito barro onde passamos pelos lados, as margens da floresta densa, ou sobre troncos, pois a água barrenta não permite visualizar a sua profundidade. Nesta hora, os corredores se ajudam uns aos outros no equilíbrio para transpor estes trechos. Mais um córrego, mas desta vez, no lugar da ponte, dois galhos em paralelo ajudam na travessia. Logo depois, um tronco gigante caído me obriga a agachar para passar por baixo pelo vão com menos de um metro de altura. Alguns metros depois enfrentamos um trecho maior com os pés afundados na lama, lembrando que o tênis precisa estar muito bem amarrado para não se soltar do pé. São trechos percorridos somente andando devagar, o que é ótimo para descansar e recuperar o fôlego, além de observar a floresta copiosa em volta. Passamos por mais um Xondaro que caminha em sentido contrário. É reconfortante perceber que não estamos sozinhos. Chegamos a um outro trecho com muitos troncos caídos pela trilha que precisam ser atravessados um a um. Percebo que a tempestade do início do mês derrubou muitas árvores, pois, nas edições anteriores, o caminho era diferente e com menos obstáculos.

Hora de atravessar o rio novamente, para então iniciar a volta após ter percorrido 6,5 km. Nesta travessia o rio é mais largo, mas muito mais raso, podendo ser tranquilamente atravessado a pé. Mais à frente, rio acima, fica uma cachoeira que é frequentemente utilizada por turistas, que precisam de autorização para a visita e são acompanhados por um morador local. Os dois quilômetros de volta margeando o rio até a bifurcação são muito semelhantes a trilha da outra margem, mas de repente passo por um longo trecho mais aberto que permite correr e assim distancia os corredores. Correndo sozinho por aproximadamente 5 minutos, sem avistar ninguém na frente ou atrás, penso como a vida é bela, a natureza é forte e como os indígenas exercem um papel fundamental para preservar o pouco do espaço natural que o homem ainda não destruiu.

Para os povos indígenas, a floresta não é apenas um cenário natural, mas uma entidade viva, espiritual, com a qual se estabelece uma relação de profundo respeito e reciprocidade. Ela é morada dos espíritos, dos ancestrais, das memórias e dos saberes sagrados que atravessam gerações. Romper essa conexão é como adoecer a alma da terra e de seus habitantes (Krenak, 2019). Ao refletir sobre esses modos de existência, o antropólogo Eduardo Viveiros de Castro destaca que, para os povos originários, a natureza é sujeito, e não recurso, parte de um sistema de relações onde humanos e não humanos compartilham agência e intencionalidade. Nesse sentido, a floresta é templo, é corpo, é voz, e os povos indígenas, seus guardiões e intérpretes (Viveiros de Castro, 2002).

Chego a um campo aberto e noto à esquerda uma plantação de mandioca com mudas pequenas recém-plantadas. Durante minha conversa com o cacique Adolfo, em um dado momento ele me oferece uma banana e diz orgulhosamente “orgânica, sem agrotóxico!”. Além da mandioca, plantam um pouco de milho e colhem palmito e frutos como a banana e jaca.

Ao longo do percurso, fotógrafos profissionais tiram fotos dos atletas e depois disponibilizam as imagens em uma plataforma administrada pela empresa FOTOP. Esta plataforma conecta a organização da corrida, fotógrafos profissionais e os corredores. Após o evento, os fotógrafos profissionais fazem o upload de seu trabalho para a plataforma e os corredores pesquisam pelas suas fotos através do número do peito ou o reconhecimento facial. Selecionam as fotos que desejam comprar, sendo que o preço depende do formato (digital ou impresso), da resolução e da quantidade de fotos adquiridas. Eu comprei algumas fotos digitais em alta resolução pelo preço

unitário de R\$ 5,92. Logo após o pagamento, recebi um e-mail para fazer o download das fotos selecionadas. Os fotógrafos com quem eu falei gostam muito dessa corrida, pois além de oferecer belas paisagens como fundo, as fotos ficam com um colorido especial. Eles relatam que se sentem muito bem em trabalhar na corrida, mesmo ficando horas no meio da mata, pois muitos deles acabam ficando na companhia dos indígenas Xondaro, criando uma relação de amizade, além de se sentirem protegidos enquanto permanecem no meio da floresta.

A procura e a compra pelos corredores de fotos deste evento, em relação a outras corridas, é maior, devido a originalidade e a experiência vivida. Rafael Cruz, coordenador da equipe de fotógrafos do FOTOP sentiu isso: “Já viajei por vários lugares do Brasil, já fotografei muitas provas, mas a Guarani Race sem sombra de dúvida foi a mais diferenciada de todas”. O fotógrafo Dalton Yamashita, ao ver no Instagram o depoimento de uma corredora que publicou a foto dela com o comentário “Há datas que eu vou lembrar por toda minha vida!!”, escreveu “Pode ter certeza que eu também!!!”. Outro fotógrafo, Júlio Paranhos, contou: “Foi uma experiência incrível! Fiquei quase 4 horas na companhia de um indígena. Foi um dia muito marcante na minha vida.”

Chego na bifurcação para tomar o caminho de volta quando encontro novamente o Edson, filho do Pajé, que continua sinalizando o trecho para nós. Pergunto a ele quanto tempo leva para deixar a trilha limpa e preparada para nós, mas ele desconversa, diz não saber, percebo que ele não quer me dar esta informação. Ao comentar depois com o cacique a pouca interação, ele responde sem dar muitas explicações que “eles não sabem ou não entendem ...”.

O meu relógio marca 7 quilômetros e 78 minutos transcorridos, um tempo relativamente devagar para um corredor, mas justificável pelas muitas paradas para observar a natureza tão de perto. E o tempo limite para finalizar a corrida de 12 km é de duas horas e meia, portanto não há pressa, o importante é desfrutar cada quilômetro, respirar fundo, olhar em volta e ouvir os sons da natureza. Hora de comer uma mexerica, fruta que além da vitamina C, é uma ótima fonte de carboidrato saudável e importante para proporcionar a energia necessária para aguentar até o final. Também é fácil de descascar e separar os gomos enquanto continuo em ritmo de caminhada.

A trilha agora passa ser a mesma, mas no sentido inverso, mas como olhamos de uma perspectiva invertida de 180°, o percurso parece diferente e continua

desafiador. Já passei por esta ponte? Já passei por este tronco? Diferente de uma corrida de rua que, em alguns trechos, passa a ser trivial e sem interesse, a Guarani Race mostra sua diversidade e encantamento durante toda a prova. Mais um trecho que eu me vejo correndo sozinho e ouço o canto diferente de alguns pássaros que eu não havia ouvido no trecho de ida, e assim os 3 últimos quilômetros são percorridos até avistar o pórtico que eu atravesso quando o cronômetro está marcando 01:49:48

Outros corredores me parabenizam e sigo feliz e com a sensação de bem estar até a tenda que distribui a medalha e uma sacolinha contendo banana, maçã e biscoito salgado. Um outro corredor, que eu havia ajudado em um trecho da trilha, vem me cumprimentar: “Aí chefe, chegou!” ele exclama e me dá um forte aperto de mão. Respondo: “Chegamos! Mais uma!”. Um fotógrafo pede para posar com a medalha pendurada no pescoço. Depois, para tirar uma segunda foto, pede para “morder” a medalha. Mais uma prova finalizada e muitas memórias novas para lembrar.

Perto dali, Rafael anuncia, através do microfone, os cinco finalistas de cada categoria e faixa etária, que sobem ao pódio para receber seus troféus. O vencedor da corrida finalizou a prova no tempo de 46:36

Enquanto ocorre a premiação, os corredores descansam debaixo de pequenos coqueiros junto com seus familiares, se refrescam ou percorrem a exposição de artesanato indígena. Vejo também a iniciativa de uma equipe de treino que distribui sacolinhas de doces para as crianças indígenas. Lembro que na semana anterior foi dia das crianças, faz sentido. As crianças estão felizes.

Chama a minha atenção um artesão, com um lindo colar colorido, que está ao lado de uma mesinha de madeira expondo pequenos animais de madeira. Ele trabalha em uma peça em formato de onça, na qual ele desenha pequenos traços em forma de pintas com uma ponta de metal aquecido (método que é chamado de pirografia, palavra que vem do Grego e significa “escrita a fogo”).

Foto 5 - Artesão indígena confeccionando uma peça de madeira



Me dirijo até ele e pergunto se cada animal tem um significado diferente. Ele me explica que a coruja representa o espírito de proteção noturna, a onça tem a força da mata e a tartaruga tem a proteção do mar.

Estando no litoral, próximo ao mar, resolvi comprar uma tartaruga. Diante da minha escolha, ele ensina que a tartaruga, nesse caso, teria uma relação direta com o percurso da minha vida e com o conhecimento que eu iria, ou pelo menos deveria, ir adquirindo ao longo da minha trajetória espiritual. E complementa que se trata de um entendimento próprio da cultura guarani que, guiados pela natureza, enxergam nas características do animal eleito o melhor caminho para quem o escolheu viver em harmonia com a espiritualidade.

Foto 6 – Exposição de artesanato



Passo a olhar para outras mesinhas, todas muito coloridas, expondo vasos, cachepôs, cestos, potes, conjunto de arco e flecha, colares, brincos, pulseiras, cocares e objetos decorativos como o pau de chuva, instrumento musical de percussão e ritmos imprecisos composto por um tubo longo e oco de madeira com sementes no seu interior. Ao movimentar-se, cria um ruído semelhante ao som da chuva.

Em uma das barracas compro outra peça de madeira com desenhos que imitam as escamas do peixe. “Pira” é peixe em Guarani, me ensina a jovem que me vende a peça.

O fascínio de muitos dos participantes da corrida é expressa em um vídeo institucional divulgado pela ZBR Events⁴⁶ onde há depoimentos que enaltecem “a paisagem maravilhosa”, “a cultura bonita e diferente”, “a visão de um outro mundo”, “o percurso maravilhoso”, “uma sensação espiritual”, “encontro com a natureza”, “a energia incrível” e “o contato com os indígenas que eu nunca tive foi muito legal”.

A corrida também tem a participação de estrangeiros. Apesar de não ser divulgada fora do Brasil, estrangeiros que estão em visita ao Brasil e ficam sabendo da corrida, demonstram grande interesse, pois a possibilidade de contato com povos indígenas desperta grande curiosidade e uma oportunidade única para eles.

Em 2022, o americano Ethan Collins, de Chicago, participou da corrida e conta sobre sua experiência:

Durante a minha viagem ao Brasil, amigos me convidaram para o que eles chamaram de “uma grande aventura”. Saímos de São Paulo e em poucas horas estávamos no meio de uma autêntica reserva indígena brasileira. A Guarani Race foi uma das experiências mais fascinantes da minha vida. O nascer do sol estava esplêndido e eu estava cercado de belezas naturais por todos os lados. Com o meu rosto pintado, participei de uma cerimônia espiritual indígena cheia de música e tradições religiosas. Eu senti uma energia extraordinária e pude ver a emoção no rosto das outras pessoas. Depois largamos para uma corrida nas trilhas de aproximadamente 7 milhas⁴⁷ no interior dessa incrível floresta tropical com os nativos nos guiando durante todo o percurso. O Brasil é um país maravilhoso, com riquezas culturais e pessoas incríveis. Voltei para casa cheio de lembranças na bagagem, mas a experiência desta corrida será para sempre inesquecível.⁴⁸

O relato do turista estrangeiro e suas impressões me faz refletir que muitas vezes menosprezamos o local onde moramos e valorizamos mais outras regiões que visitamos em férias, sendo necessário um turista de fora para valorizar as belezas do nosso próprio lugar.

⁴⁶ Extraídos dos vídeos "Guarani Race 2019 - Depoimentos", YouTube, 2019 e "A Guarani Race está mais colorida", YouTube, 2022.

⁴⁷ 7 milhas correspondem a 11,26 quilômetros.

⁴⁸ A Guarani Race na visão de um norte-americano, depoimento em vídeo disponível no YouTube <https://www.youtube.com/watch?v=akM4g57fsAE>, acessado em 13/01/2025.

Minha conversa com o Cacique Adolfo Timóteo

Foto 7 - Cacique Adolfo Timóteo no dia do evento (26/10/2024)



Adolfo Timóteo Wera Mirim é o líder da aldeia Rio Silveira e representa todas as aldeias da TI perante os órgãos públicos e empresas, tal como um embaixador. Ele nasceu em Chapecó, SC, e chegou na aldeia aos 17 anos. Após se tornar cacique, em 2022, filiou-se ao Partido Rede e se candidatou a deputado federal pela coligação PSOL/Rede. Ele é pai de seis filhos e avô de vinte netos. Em 9 de junho de 2025 vai completar 60 anos de idade.

No dia 24 de março de 2025 entrei em contato com ele para combinar uma visita a aldeia. Me apresentei e expliquei um pouco sobre este trabalho. Após ele solicitar minhas credenciais que comprovam a matrícula no curso de pós-graduação, me disse para aguardar até quinta-feira para verificar as condições climáticas do fim de semana. Com previsão de sol sem chuva, combinamos para o sábado, dia 29. Calculei que saindo as oito de São Paulo, em duas horas e meia estaria na aldeia e marcamos as 10:30. Eu ainda estava na estrada Rodovia Governador Mario Covas (SP-55), quando, as 10:38, recebo a mensagem por áudio do cacique: “Olá amigo, tudo bem? Vocês já estão vindo? Já é quase onze horas daí me dá um retorno e você sabe vir até em casa?” Retornei sua mensagem informando que estava em um engarrafamento, que se formou devido a um acidente entre dois carros, e que chegaria à aldeia as onze horas.

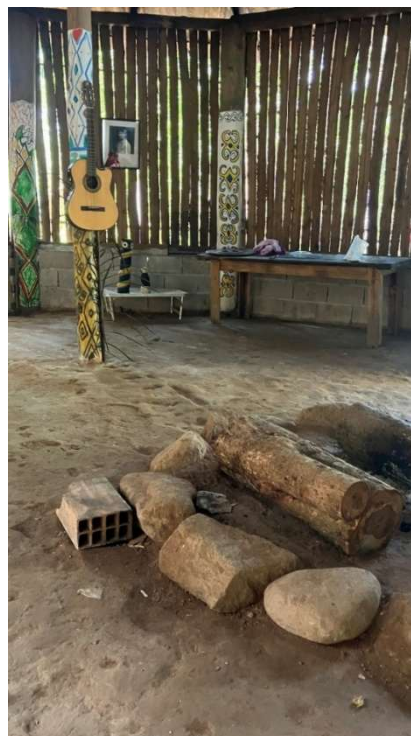
Chegando na aldeia, passo pela portaria, que está aberta e sem ninguém controlando. Logo depois está o campo de futebol a direita, onde dois times uniformizados se enfrentam enquanto outros homens, muitas crianças e algumas mulheres observam e torcem animadamente. Pergunto a um torcedor como chegar até a casa do cacique Adolfo. Ele me instrui seguir em frente até a escola, virar à direita e seguir até o final. Sigo facilmente pela estrada de terra, pois é o mesmo caminho do percurso da corrida e chego a um pequeno bolsão, onde estaciono. Estou

na aldeia Rio Silveiras. Quando saio do carro, já avisto o Cacique Adolfo sentado em um tronco a minha espera, em frente a uma pequena casa de um cômodo com paredes de Taipa e a porta de madeira semiaberta. Ao encontra-lo e apertar a sua mão, noto que está mais baixo (devido ao cocar que ele estava usando no dia da corrida), mais magro e com uma fisionomia abatida. Pergunto se está tudo bem, como ele está, e ele, em poucas palavras, apenas diz: “Bem, bem, não está, mas dá para sobreviver ainda”. Aproveito para perguntar quais dificuldades ele está enfrentando.

Pessoal lá em cima não deixa a gente quieto. O Governo, os deputados. Estamos preocupados com o marco temporal, aguardando regularizar. Fazem reunião, mas não adianta, os ministros⁴⁹ não querem. Eles falam que reconhecem o direito indígena, mas daí vai para o lado de quem tem mais dinheiro. O dinheiro é que manda. Vamos lá dentro que tem menos mosquito.

Levamos cada um uma cadeira de plástico até uma casa de aproximadamente 30 metros quadrados, em formato oval, que é o centro cultural. As paredes são feitas por 3 camadas de tijolos que formam a fundação e ripas de madeira até o teto, que é igualmente feito de madeira. Nas colunas de troncos grossos de madeira há desenhos coloridos de grafismos indígenas. Em uma das colunas está pendurado um violão acústico comum de 6 cordas. Em um dos cantos, uma pequena mesinha exibe objetos de madeira. O chão é de terra batida e no centro algumas toras queimadas rodeadas de grandes pedras arredondadas indicam o local de fogueira. Em volta, alguns bancos de madeira baixos. O cacique senta na cadeira que ele coloca ao lado de um dos bancos. Então eu opto por sentar no banco ao seu lado. Dentro da casa está mais fresco.

Foto 8 – Interior da Casa de Cultura



Começo contando a ele que já participei várias vezes da corrida e, sabendo que ele chegou a se candidatar pela coligação PSOL/Rede, digo que estou fazendo a

⁴⁹ Nota do autor: Ele se refere ao Ministro Gilmar Mendes do STF que preside a comissão de conciliação sobre o marco temporal.

pós-graduação em antropologia na mesma faculdade onde Guilherme Boulos foi meu professor. Ele diz que se filiou ao Partido Rede, da Marina Silva, e que no PSOL se filiou a Sonia Guajajara. Pergunto qual é a visão dele e da comunidade sobre a corrida.

Na verdade, nunca pensamos o que traz de resultado para a aldeia, porque não pensamos como empresa, diferente do Rafael, que é empresário, quando ele veio aqui ele se interessou em fazer maratona, conversamos, ele explicou que por ser em terras indígenas ele precisava da autorização das lideranças, da FUNAI e de outros órgãos. A gente não podia se responsabilizar pelos atos da empresa, a empresa convida e o que acontecer aqui dentro é responsabilidade da empresa. A contraparte do Rafael seria arrecadar algum fundo, um fundo financeiro voltado para contribuir com a aldeia. Na época, na primeira corrida, combinamos 10 reais para cada atleta e que compraria artesanato, colares para todos os atletas. E pagaria também outros valores para as pessoas e para a aldeia conforme a ajuda que eles dariam. E assim foi indo, teve pandemia e uma vez falei para ele reajustar os valores, ele falou que tinha dificuldades em continuar com o colar, que a empresa não estava lucrando e que ele não sabia se ia continuar. Sempre pagou a mesma coisa, ele diz que o valor das inscrições também diminuiu. A nossa visão é diferente, se a empresa não quer participar, não tem problema. Somos esclarecidos, eu sei que é normal cobrar pela locação de espaço, quando você aluga sua terra, sua casa, tem que pagar locação de espaço, mas até agora não tem reajuste.

A fala do cacique me remete ao dilema que existe em qualquer negócio sobre o equilíbrio entre a sustentabilidade financeira e a competitividade de mercado. A inscrição para a corrida também não tem seu valor reajustado desde a primeira edição do evento, conforme já discutido durante a comparação entre os valores de 2014 e 2025. Num lado existe a pressão inflacionária e o crescimento das despesas enquanto que no outro lado é necessário descobrir o limite de aceitação do preço. Pedi ao Rafael para falar sobre a razão de manter o mesmo valor durante tantos anos, mas não obtive retorno.

Pergunto a ele sobre a venda de artesanato e ele me explica que a venda de artesanato é uma coisa de lembrança. Nas corridas seguintes, se vem as mesmas pessoas, não compram mais. Então nas primeiras edições vendeu mais porque era uma novidade.

O cacique me conta que a contribuição financeira não é seu único objetivo, pois a corrida traz visibilidade à sua aldeia para ampliar o público para visitação e outras atividades. Para ele é muito importante que as pessoas tirem foto da aldeia e dos eventos e publiquem nas redes sociais para despertar o interesse de mais pessoas. A aldeia também mantém conteúdo nas redes sociais sobre os eventos e festividades.

Questiono a ele como são combinados estes passeios, a distribuição da renda entre as famílias e o papel da Funai. Ele me explica:

Dentro da terra indígena temos 5 pequenas aldeias, grupos familiares. E cada núcleo tem seus clientes, você combina com os seus amigos para vir, tem espaço, roda de canto, comida tradicional, caminhada, ir lá na cachoeira, tem monitor, quer fazer uma pintura corporal, passar o dia aqui e fazer uma vivência. Pode também dormir aqui, colocar uma rede, barraca, fazer fogueira. Cada grupo planeja como quer fazer a vivência. E vocês podem ser um elo de comunicação para trazer estes grupos. E isso acaba ajudando uma família.

Cobramos um preço mínimo, por causa do trabalho, mas somos desprezados, as pessoas vêm na aldeia, querem passear, quer fazer tudo e não dá valor.

A Prefeitura criou as visitas para as aldeias então eu passei para eles o nome do líder de cada núcleo. Lá na aldeia Porteira tem um centro cultural e quem responde lá é o pajé Liveis. A abertura da corrida é feita lá, que é um espaço maior. A venda do artesanato é realizada por cada família, que decide se quer participar ou não.

A Funai não tem projeto implementado aqui, teve uma época que eles intermediavam, mas hoje cada grupo programa seu evento e nós contrata diretamente, é mais fácil. Se a Funai criasse um sistema seria uma dificuldade maior para você chegar aqui, tem que ir na agência de turismo, agendar, atestar que não está doente. Hoje liga para mim e já vem direto.

A Funai trabalha mais na parte de proteção territorial e documentação das pessoas. Todo ano eles promovem evento para emitir documentos como CPF e RG. A certidão de nascimento é emitida no hospital PS Boiçucanga. Os recém nascidos na aldeia levamos até o PS para atestar que estão bem de saúde e emitir o documento.

Pergunto qual é a situação em relação a demarcação das terras.

Ainda estamos na batalha. A primeira demarcação foi feita em 1986 e o governo homologou em 1987. Eram 948 hectares, só que a Funai demarcava a terra pela quantidade de pessoas. Mas isso está errado. A própria Funai, que é um órgão indigenista, não previa as terras já demarcadas. E para construir o posto de saúde e a escola teria que aumentar o espaço. E para o povo Guarani foi mais difícil se manifestar porque os antigos líderes não falavam português e não entendiam os mapas e de limites. Eles pensavam que tudo era livre, que a floresta é de uso de todos, mas os homens brancos já pensam diferente. Aqui tivemos problemas porque as empresas foram pegando os terrenos da região e registrando em cartório. Se estava em terras indígenas demarcadas, entravam na justiça pedindo reintegração de posse, alegando que nós é que invadimos a propriedade deles. É assim que eles fazem. E a justiça, como eles pagam impostos, segue o que está escrito e dá o direito a eles. E isso até agora. O Supremo nunca decide. Nós fizemos reivindicação na Funai que a demarcação foi feita errada e pedimos revisão de limites. E estamos aguardando o Supremo. Enquanto isso nós temos problemas sérios com a vizinhança, eles vão apertando, vão nos ilhando.

Percebo que ele está bastante preocupado com a questão da ocupação da terra e a discussão sobre o marco temporal. A especulação imobiliária está cada vez mais acirrada, tanto na cidade onde o movimento de gentrificação expulsa a população local de determinadas regiões ou bairros, no campo onde o agronegócio avança sobre a agricultura familiar e nas reservas indígenas, ameaçadas do Norte pela atividade de mineração e garimpo, até o Sul, pela exploração e ampliação de polos e atividades turísticas.

Ele explica que como a demarcação aconteceu antes à Constituição de 1988, há a necessidade de se revisar e corrigir a demarcação de 1987 para definir seus verdadeiros limites, pois para a primeira demarcação a Funai levou em conta apenas o número de habitantes na aldeia, sem considerar as áreas da escola, saúde, de cultura, plantio e uso tradicional. O Ministério Público Federal em São Paulo identificou uma série de crimes ambientais de empresas imobiliárias na região, no entanto o processo de demarcação está estagnado aguardando decisão do STF.

Sabendo que o cacique nasceu em Chapecó, peço que ele me conte sobre sua trajetória e como chegou aqui.

Por causa da mitologia Guarani. Existe a mitologia dos antigos que acreditavam nas caminhadas para terra sem mal. O povo Guarani estava mais ao sul durante a época da colonização. Rio Grande do Sul, uma parte no Paraná, onde tem as 3 fronteiras, os Guarani ficaram um pouco no Brasil, na Argentina e no Paraguai. Com a guerra entre os espanhóis e portugueses, quem ficou no lado do Paraguai deveria servir o serviço militar espanhol e quem ficou no Brasil deveria servir o serviço militar daqui. Por causa do Guarani, conhecedor da floresta, vários também serviam como guia para os soldados, então criou guerra entre os Guarani.

Ainda durante a colonização também veio a igreja católica para o sul e aí veio a crença que quem fica ao lado da igreja seria salvo e quem não queria ficar na igreja seria caçado e levado para serviço forçado nas fazendas. Mas o povo Guarani não aceitava nenhuma das opções e acabava fugindo para a floresta, tinha muita floresta, e começaram a migrar. Migraram do Rio Paraná para o litoral, passando por Curitiba e criando a rota para chegar em Paranaguá. Hoje nosso território vai do Rio Grande do Sul até o Espírito Santo, pegando toda a faixa litorânea do litoral norte, passando por Ubatuba, Parati e Angra. Então, como minha família é do Sul, fomos caminhando por esta rota.

Fui liderança jovem, andei muito, ajudei muito, fiquei conhecido, na época da demarcação das terras, eu tive na constituinte de 88, fui no Congresso Nacional, na época o Mario Covas era Senador, lembro do Mario Juruna, lembro do Raoni, estava lá sem entender nada, só estava lá, muito jovem.

Hoje tenho muito contato com mais 2 pessoas: O cacique Marcos Tupã (da aldeia Guarani Mbya de Boa Vista, localizada no bairro Prumirim) e o cacique Timóteo (Timóteo Verá Tupã Popygua, da aldeia Tekoa Takuari no município de Eldorado), que inclusive visitei semana passada.

Fui presidente do Conselho Estadual dos Povos Indígenas⁵⁰, primeiro indígena nomeado pelo governador para a articulação política indígena no estado de São Paulo. Neste período houve muito enfrentamento, manifestação devido as reintegrações de posse solicitadas pelas próprias secretarias de estado, por isso eu entendi que o governador não tinha toda a autoridade e os secretários já pensavam diferente. O próprio secretário do meio ambiente tentando expulsar os indígenas das aldeias. Agora é o Lula que enfrenta isso, com deputados contra, aí vai no supremo, ministro pensa diferente. Primeiro não gostava de política, mas depois analisando, criei um bom vínculo com prefeito, governador. Fui no Palácio. Não é que eu quero agradar, mas precisa estar presente. Se é ruim ou bom não interessa.

Ele sai da casa por um instante e fala em guarani com outra pessoa. Quando volta, complementa:

Hoje trabalho com a preservação da cultura, em 2006 gravamos o primeiro CD de música indígena, mas hoje já não usa mais CD, tem plataforma. Então tem muita sabedoria, mas eu estou meio cansado, faz 30 anos e nada se resolve, tem desgaste, é cansativo. Falo para os jovens para se transformarem na nova liderança, porque vou ficando velho, um dia não vou enxergar bem, ouvir bem. Então precisa ter uma renovação. Estou tentando, mas hoje na aldeia é muito difícil para os jovens ficarem, sob pressão, porque quando você está livre, ninguém se incomoda com ninguém, não quer saber se está bem ou se está mal, ninguém quer assumir a responsabilidade para resolver as coisas.

Percebo a sua preocupação em relação ao seu legado, aos jovens e quem vai assumir a condução da aldeia no futuro. Os líderes e pessoas mais velhas se esforçam para passar a cultura, a história e os costumes ancestrais para os mais jovens, mas a pressão da civilização que os circunda com outra visão, cultura e outros desejos é muito forte para impedir que os jovens permaneçam na comunidade e mantenham o modo de vida de seus antepassados.

Agora está quente no salão. O cacique se levanta e me convida para conhecer a aldeia. Enquanto saímos da casa de cultura ele me conta que teve um amigo que foi secretário de Bertioga e organizava corridas no Sertão de Barra do Uma. Que o

⁵⁰ O Conselho tem um representante de cada Secretaria do Estado de São Paulo, um representante da Procuradoria Geral do Estado, da Universidade de São Paulo, da Universidade Estadual de Campinas, da Universidade Estadual Paulista, da FUNAI e 34 representantes indígenas das etnias Guarani, Tupi-Guarani, Terena, Krenak, Kaingang, Pakararu, Fulni-ô, Pataxo e Xavante, Xucuru e Xucuru-Cariri e Kariri-Xocó.

procurou para organizar uma corrida na aldeia e em contrapartida fariam doação de alimentos que iriam arrecadar e um troféu de bichinho de madeira para cada atleta, mas fizeram uma única vez. Pergunto porque não fez mais vezes e ele responde que também não sabe e me explica que estas coisas passam. Não fica mais na secretaria, vai embora e não dá continuidade.

Ele me mostra a casa de artesanato e pede para tirar fotos para divulgar na internet. Depois me leva até uma outra construção, de alvenaria, com varanda, refeitório, cozinha comunitária e dois banheiros destinados aos visitantes. Na cozinha aponta para uma máquina e explica que é para fazer suco de açaí ou de outras frutas de poupa e que foi doada pela Funai. No fundo dois freezers foram doados por pessoas voluntárias.

Um galo canta, um cachorro late e um gato passa pelo caminho. Enquanto me mostra os ambientes, diz para eu ser multiplicador para trazer meus amigos aqui. Isso que é importante. Cruzamos com uma pessoa que ele me apresenta como Dra. Nilva, que está implantando um consultório dentário na aldeia ao lado do centro de cultura. Nilva é cofundadora e presidente da ONG DRA Doutores da Amazonia⁵¹, que leva serviços de saúde para populações ribeirinhas e indígenas da Amazônia e está implantando o primeiro consultório dentário digital em aldeias indígenas para oferecer raio x digital e um serviço de escaneamento para produção de coroa de porcelana sem a necessidade de molde e serviço protético. Ela está reformando a casa. No teto dois grandes panos amarelos esticados deixam o ambiente mais leve. Em uma das paredes, desenho com árvore, nuvens e grafismo indígena. Tem cheiro forte de verniz.

Continuamos caminhando e ele me pergunta qual é a minha religião. Como eu respondo que não tenho uma religião específica, mas que me interessa e acredito na expressão de Deus em todas as religiões, ele me convida para fazer parte da religião Guarani. Pergunto sobre Nhanderú.

Nhanderu é o Deus, nosso pai. Nossa relação é geral, em tudo, pois ele que nos guia, todo dia, em torno do mundo. Cada religião tem uma pronúncia do nome diferente, mas não é outro deus.

Nós falamos Nhanderu Tupã, deus nosso pai. A religião Guarani é pureza, sem enganação, verdade, a gente não vê deus, não tem adoração de imagem, porque deus está presente em todo momento, você precisa acreditar pela proteção, pela salvação.

⁵¹ <https://www.doutoresdaamazonia.org.br/>, acessado em 08/04/2025

Na pregação do branco fala para dar dizimo para receber em dobro, receber um canto no céu, vai colocando na mente e não é isso, tem que praticar de verdade, o dom de verdade, o conhecimento da verdade. Se Cristo não agradou ninguém, o ser humano também não pode agradar todos.

Enquanto voltamos ao meu carro para buscar as doações, pergunto sua idade. Ele diz animado que vai fazer 60 anos no dia 9 de junho e que está pensando em fazer uma grande festa, fazer um grande bolo, e chamar toda a comunidade. Me convida para participar da festa e diz que eu posso até dormir aqui na aldeia. Levamos as doações para sua cozinha, uma pequena casa também de chão batido e paredes de taipa. Tem fogo de chão, um fogão de quatro bocas e um armário com panelas. A sua mulher está tomando chimarrão. Pergunto se ele também toma e ele confirma, reforçando a sua origem da região sul da América Latina, onde a bebida tradicional, feita de erva-mate, foi herdada dos povos indígenas.

Após levar as doações, compostas por duas sacolas de roupas usadas, arroz, feijão, óleo, duas cestas básicas e ovos de páscoa de chocolate, do carro até a cozinha, ele chama seus familiares e me convida para voltar ao centro cultural. Ele pega o violão e começa a tocar enquanto canta uma música suave, acompanhado por sua esposa e seus filhos. Depois do canto o cacique diz aos seus filhos que agora vamos compartilhar o chocolate. Eu digo brincando que só pode comer chocolate depois do almoço. O cacique responde que aqui pode comer antes.

Como a hora do almoço está se aproximando, tiramos uma foto na frente da sua cozinha para então eu agradecer a ele por me receber e me despedir de todos.

Foto 9 - Durante minha visita a aldeia no dia 29/03/2025



Considerações finais

Ao buscar equilibrar os interesses turísticos com a preservação cultural e ambiental, a corrida Guarani Race é uma das atividades que promovem o desenvolvimento sustentável da Reserva Indígena Guarani Rio Silveira, divulgando a sua cultura e a visão ancestral de relacionamento da vida com a terra, através da sustentabilidade e sem a exploração dos finitos recursos naturais.

Eventos como a corrida Guarani Race contribuem com a integração das pessoas descendentes da sociedade colonizadora e capitalista com os remanescentes dos povos originários, que para sobreviver no mundo dominado pelos primeiros, têm a necessidade de se integrar econômica e socialmente.

Para a conclusão deste trabalho, considero importante entender o conceito de etnoturismo e suas implicações. O etnoturismo é a interseção entre turismo e preservação cultural, incluindo questões sociais e ambientais, em que os viajantes conhecem a vida, os costumes e a cultura de um determinado povo, especialmente povos indígenas. E a corrida de trilha Guarani Race segue este conceito.

O etnoturismo constitui uma fonte de renda para as aldeias e aumenta a conscientização sobre a importância da preservação cultural e ambiental, sem levar à comercialização e banalização de práticas culturais, dependência econômica e impacto ambiental.

Entre os impactos positivos do etnoturismo temos a preservação e a valorização cultural, proporcionando uma plataforma para a comunidade compartilhar suas tradições, artesanato, danças e conhecimentos com os visitantes. A atividade turística é uma fonte importante de renda para a comunidade, ajudando a financiar projetos de desenvolvimento local, infraestrutura e melhoria das condições de vida. Outro aspecto é a educação e conscientização, pois o turista aprende sobre a cultura indígena e a importância da preservação cultural e ambiental, resultando em maior apoio para a proteção dos direitos indígenas. Por fim, o etnoturismo gera empoderamento comunitário através do envolvimento da comunidade no planejamento e execução das atividades turísticas, fortalecendo a autonomia e a auto-organização e promovendo a participação ativa dos indígenas em decisões que afetam suas vidas.

Mas existem impactos negativos, como o desgaste cultural, afinal, a exposição intensa e contínua ao turismo pode levar à comercialização e banalização de práticas

culturais, com tradições sendo alteradas ou simplificadas para atender às expectativas dos turistas. O etnoturismo acaba por gerar dependência econômica, o que é arriscado, pois a demanda turística varia significativamente com o tempo e é afetada por fatores externos como crises econômicas ou pandemias, como a pandemia de Covid-19 no período 2020/2021, que isolou a aldeia indígena, reduzindo substancialmente a sua renda que provém do turismo. Outro aspecto importante a ser considerado é o impacto ambiental, pois a presença de turistas provavelmente vai causar degradação ambiental se não for bem gerida, incluindo poluição, destruição de habitats e pressão sobre os recursos naturais. A introdução do turismo ainda tem a possibilidade de gerar conflitos internos na comunidade, especialmente se os benefícios não forem distribuídos de forma equitativa ou se houver divergências sobre como as atividades turísticas devem ser geridas. Por fim, a constante presença de visitantes invade a privacidade dos moradores, alterando sua rotina diária e podendo causar desconforto. Quando questionei o cacique Adolfo sobre isso, ele disse que não, pois a passagem dos corredores é muito rápida e as crianças adoram.

Para maximizar os benefícios e minimizar os impactos negativos, é importante implementar estratégias eficazes de mitigação, tais como planejamento participativo envolvendo a comunidade indígena em todas as fases do planejamento turístico para garantir que suas necessidades e desejos sejam respeitados. Toda atividade de etnoturismo deve promover a educação ambiental e cultural com objetivo de sensibilizar os turistas e oferecer treinamento para membros da comunidade em gestão de turismo, marketing, e outras habilidades relevantes. É importante implementar medidas para controlar o fluxo e o número de visitantes e garantir que as infraestruturas locais possam suportar a demanda e, por fim, é preciso garantir que os benefícios econômicos sejam distribuídos de forma justa e equitativa entre todos os membros da comunidade.

O etnoturismo evidencia a tensão entre valorização e exploração cultural. O uso do território e da cultura indígena como atrativos de um evento pode ser interpretado como forma de comodificação da cultura. Embora os indígenas participem da negociação, há risco de que sua imagem seja instrumentalizada como um diferencial simbólico para consumo (Cunha, 2009).

Finalizo assim minha análise sobre o evento de corrida procurando mostrar todos os aspectos e os vários ângulos que compõem esta complexa relação entrelaçada, entendendo ser necessário sempre buscar o equilíbrio entre os inúmeros

atores para que prevaleça o ganha-ganha e que todos possam se beneficiar equitativamente.

Pessoalmente, mesmo tendo participado do evento por muitos anos, vivi mais uma vez a experiência que é sempre única e que a cada ano me surpreende com novos aprendizados que me trazem mais sabedoria, mas também novas dúvidas.

Já estou inscrito nas duas etapas de 2025, a primeira vai ocorrer em 10 de maio e a segunda no dia 25 de outubro. E com a certeza que serão, mais uma vez, eventos únicos que vão trazer uma nova oportunidade de reflexão.

Que este trabalho seja um atrativo e um convite para que mais pessoas possam entender e se envolver na causa indígena e em todos os seus desdobramentos e suas consequências para as nossas próprias vidas, agora e no futuro.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Cristiano, Boletim Anual de Precipitação no Brasil 2023.

CUNHA, Manuela Carneiro da, Cultura com aspas e outros ensaios. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

DIANA, Daniela. Cultura: o que é, características, elementos e tipos. Toda Matéria, [s.d.]. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/o-que-e-cultura/>. Acessado em: 19 out. 2024.

DOOLEY, Robert A., Lexico Guarani, Dialeto MBYA, 2016.

FERRAZ, Ana Lúcia - Os cantos-dança guarani, Revista de Antropologia e Arte. Campinas, SP, 2023.

Instituto Socioambiental, Terras Indígenas no Brasil, Painel, <https://terrasindigenas.org.br> acessado em 15/10/2024.

KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LADEIRA, Maria Inês - Os Índios da Serra do Mar, 1988.

LÉVI-STRAUSS, Claude. "Présentation". Chroniques d'une conquête. Ethnies. v. 14, p. 5-7, 1993.

LÉVI-STRAUSS, Claude. Raça e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

LORENZONI, Claudia A. C. de Araujo. Cestaria Guarani do Espírito Santo numa perspectiva etnomatemática. 2010. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2010.

NAVARRO, Eduardo de Almeida. Dicionário de tupi antigo: a língua indígena clássica do Brasil. São Paulo: Global Editora, 2013.

SCHADEN, Egon - Aspectos fundamentais da Cultura Guarani, São Paulo, EPU, Ed. Da Universidade de São Paulo, 1974.

Tenonde-Porã, <https://tenondepora.org.br/gestao-do-turismo/manual-de-conduta/>, acessado em 08/01/2025.

TOLA, Florencia. Os nomes e os não nomes de Nhanderu: Pessoa e diferença na cosmologia Guarani Mbya. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia. São Paulo: Cosac Naify, 2002.

ZBR Events, Guarani Race YDJU - Manual do atleta, 2022.

ZBR Events, <https://zbrevents.com.br/guaranirace/> acessada em 15 de outubro de 2015.

Legenda de imagens, fotos e mapas

- Pág. 1 Imagem 1 - Logotipo da Guarani Race utilizado em todo o material de divulgação e no site do evento. © ZBR Events.
- Pág. 8 Imagem 2 - Anúncio da primeira edição do evento realizado em 21 de junho de 2014. © ZBR Events.
- Pág. 13 Foto 1 - Reunião de Conciliação do Marco Temporal no STF. © Adriano Machado/Greenpeace. <https://www.greenpeace.org/brasil/blog/marco-temporal-primeira-reuniao-de-conciliacao-e-repleta-de-ataques-aos-direitos-dos-povos/>, acessado em 28/04/2025
- Pág. 20 Imagem 3 - Kit da corrida contendo camiseta colorida e bag. © ZBR Events.
- Pág. 23 Foto 2 - Da esquerda para a direita: Cacique Adolfo, Pajé Liveis e Rafael. © ZBR Events, 2019.
- Pág. 27 Imagem 4 - Página de internet para inscrição ao evento. Extraído do site <https://zbrevents.com.br/guaranirace/> em 28/04/2025. © ZBR Events.
- Pág. 31 Foto 3 - Momentos de história, cultura e esporte. Extraído do site <https://zbrevents.com.br/guaranirace/ydju/> em 28/04/2025. © ZBR Events.
- Pág. 32 Mapa 1 - Praia Boracéia e Terras Indígenas do Rio Silveira. © Google Maps.
- Pág. 33 Imagem 5 - Placa de aço utilizada pelo Ministério da Justiça para identificar o limite e início de terras indígenas. <https://g1.globo.com/pa/para/noticia/2021/08/27/trf1-ordena-que-funai-conclua-demarkacao-da-terra-indigena-do-povo-surui-aikewara-no-para.gh.html>, acessado em 08/04/2025.

- Pág. 35 Foto 4 - Dia do evento, da esquerda para a direita: Cacique Adolfo, Rafael e o Pajé Liveis. Foto tirada por mim em 26 de outubro de 2024.
- Pág. 40 Mapa 2 - Percurso e altimetria extraído da página <https://zbrevents.com.br/guaranirace/>. © ZBR Events.
- Pág. 46 Foto 5 - Artesão indígena confeccionando uma peça de madeira. Foto tirada por mim no dia do evento, 26 de outubro de 2024.
- Pág. 47 Foto 6 - Exposição de artesanato. Foto tirada por mim no dia do evento, 26 de outubro de 2024.
- Pág. 49 Foto 7 - Cacique Adolfo Timóteo. Foto tirada por mim no dia do evento, 26 de outubro de 2024.
- Pág. 50 Foto 8 - Interior da Casa de Cultura. Foto tirada por mim no dia 29 de março de 2025.
- Pág. 56 Foto 9 - Cacique Adolfo Timóteo e eu, em foto tirada por Beatriz Miyakawa no dia 29 de março de 2025.